PLACAR

REVISTA SEMANAL ESPORTIVA DA EDITORA ABRIL • NÚMERO 1 • 20/MAR/70 • NCr$ 1,00

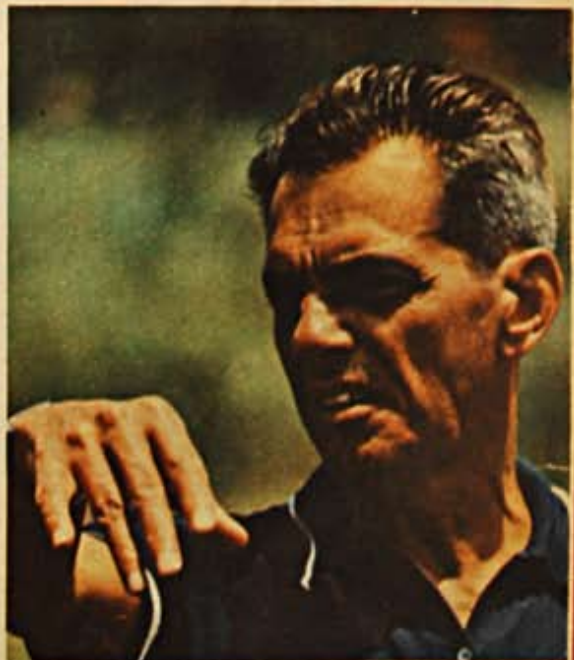
VAVÁ: "Falta um leão no nosso time"

AIMORÉ, EXCLUSIVO: MEUS FAVORITOS NO MÉXICO

PELÉ
RECEITA PARA GANHAR A COPA

SELEÇÃO VIVE O SEU PIOR MOMENTO

IUSTRICH DOPA COM AMOR

PESQUISA: QUEREMOS TOSTÃO

JOÃO SALDANHA ABRE O JÔGO

Ao comprar êste número de Placar exija, grátis, a moeda-homenagem de Pelé

A CRISE DA FERA

Foto de Fernando Pimentel

A última grande crise do nosso irrequieto futebol, escondida atrás das duas radiopatrulhas que guardam a concentração do Brasil no Retiro dos Padres, foi parar nas mãos de João Havelange, o austero presidente da CBD.

A êle cabe o passo mais importante, capaz de dar a paz necessária à conquista de uma Copa do Mundo: amansar João Saldanha. Por isso, nos últimos dias, João Havelange vem trocando sua confortável poltrona de presidente por longas conversas com o nosso técnico, num quarto trancado da concentração. Havelange já abriu seu jôgo: quer ordem, disciplina imediata e um Saldanha calmo, mais hábil do que inteligente, menos valente, mais técnico.

Havelange já decorou as razões da impressionante evolução dessa crise de duas semanas:

1 — A acusação de Saldanha ao Dr. Italo Consentino, médico do Santos, provocou um processo judicial que o técnico destruiu sem muita política: desmentiu que tivesse chamado Italo de criminoso, ignorando dezenas de jornalistas, testemunhas oculares da acusação.

2 — A invasão da concentração do Flamengo por Saldanha, de revólver na mão, provou a instabilidade emocional do técnico. Êle estava à procura de Iustrich, querendo satisfações por uma entrevista em que o chamava de covarde. Iustrich não estava no Flamengo. Saldanha só ficou certo disso depois de agredir dois funcionários do clube. Um dado importante: Richer, presidente do Flamengo, é amigo de Havelange.

3 — No mesmo dia, à tarde, quando a cúpula da CBD tentava abafar o caso ("Foi uma visita de cortesia"), Saldanha tentou agredir o locutor Lazier Martins, da Rádio Guaíba de Pôrto Alegre, quando êste procurava uma explicação do técnico sôbre a invasão.

Havelange somou tudo isso a outros incidentes (como a expulsão de um oficial de justiça da concentração, que também provocou uma queixa-crime), para deduzir que a Seleção precisa de um outro Saldanha. E a transformação do técnico é a única solução. A CBD não pode dispensá-lo, nem mesmo aceitar sua renúncia. Isso quebraria todo o esquema formado antes das eliminatórias da Copa, causaria completa reestruturação na Comissão Técnica, atingiria os jogadores, derrotaria o Brasil.

Esta é a foto exclusiva da tentativa de agressão de Saldanha ao repórter Lazier Martins, da Rádio Guaíba de Pôrto Alegre. Poucas horas antes, Saldanha tinha invadido a concentração do Flamengo.

Havelange já se preocupa com as conseqüências que o comportamento de Saldanha causou na Seleção.

O supervisor Adolfo Milman, o Russo, já não sabe mais como justificar os acontecimentos, está confuso e surprêso, e tenta a defesa de Saldanha com uma frase, repetida constantemente nos últimos dias: "Por que vocês não discutem o técnico Saldanha em vez de discutirem o homem Saldanha?"

Lídio Toledo, o médico, e Admildo Chirol, o preparador físico, estão falando idiomas completamente diferentes do de Saldanha. E estão se queixando: os incidentes já começaram a se refletir nos jogadores.

Antônio do Passo, diretor de futebol da CBD e chefe da Comissão Técnica, está usando tôda sua experiência de político para tentar uma justificação. Sua solução é simples: "A Seleção precisa encurtar o calendário e viajar o mais depressa possível para o México. Cada dia que passa é mais um dia de inferno".

FLA, A SALVAÇÃO?

Os jogadores evitam falar sôbre tudo isso, sôbre Saldanha, sôbre Iustrich, sôbre qualquer coisa. Mas com essa atitude revelam uma triste situação: acabou o entusiasmo que êles tinham antes sôbre qualquer decisão informal de Saldanha, nos exercícios ou nos coletivos.

Havelange pensou até em forçar a realização do jôgo da Seleção com o Flamengo, domingo passado, para desviar a atenção do povo sôbre a crise. Mas a lei impediu — quando há um campeonato oficial (no caso a Taça Guanabara) os clubes participantes só podem fazer amistosos com a concordância de todos os outros clubes. E quase todos foram contrários à realização do jôgo.

Menos o Flamengo:

— Nós queríamos o jôgo porque ajudaríamos a Seleção a se preparar e ganharíamos um bom dinheiro. Poderíamos até pagar o passe de Silva que devemos ao Barcelona — explicou o presidente André Richer.

CBD, A DERROTA?

Menos Saldanha:

— Os outros times tiveram inveja do Flamengo. Êles fazem profissionalismo do tempo de "Dom João Charuto", por isso o futebol brasileiro não anda.

Na verdade, dizia-se que Saldanha queria o jôgo para auto-afirmar-se, desmoralizando as faixas "Queremos Iustrich na Seleção". Saldanha ficou nervoso, disse que José Carlos Vilela, diretor do Fluminense, e Agatirno Gomes, presidente do Vasco, nunca vestiram um calção nem tiveram infância; além de falar que Otávio Pinto Guimarães, presidente da Federação Carioca, "ainda usa ceroulas".

Saldanha só não falou de Iustrich, que também não queria o jôgo:

— Estamos sem os zagueiros titulares e sem Doval, que é muito importante em meu time. Os reservas foram excursionar no Japão e entraríamos em campo numa situação de grande inferioridade. E afinal não tenho nada com a Seleção (embora torça por ela), nem com o treinador da Seleção. Quem me paga é o Flamengo, eu só devo satisfações à sua torcida.

Havelange queria o jôgo mas não conseguiu também, porque a CBD ficou enfraquecida pela crise. Em situação normal, a CBD conseguiria convencer os outros clubes.

Mas talvez o jôgo fôsse prejudicial. Uma derrota poderia trazer de volta todos os comentários e críticas que apareceram com o primeiro jôgo contra a Argentina. E também tôdas as acusações (exemplo: essa defesa é ridícula), que conseguem atrapalhar um plano quase perfeito de trabalho: a preparação física e a preparação tática. Juntas, elas vão seguindo até o dia 8 de abril, data da chegada ao México. E juntas vão até o dia 3 de junho, estréia na Copa, contra a Tchecoslováquia.

Por enquanto não interessa à Comissão Técnica que a Seleção corra noventa minutos e faça dez gols por jôgo. Se isso acontecesse, o time chegaria esgotado ao México. O sucesso tem que chegar devagar, não há motivos, agora, para acusações.

Acusação número 1: os goleiros são ruins, falharam — No segundo gol da Argentina, no Beira-Rio, Ado não segurou a bola. Rebateu. Segundo os jogadores da defesa, faltou um homem do ataque cobrindo o goleiro. Na semana seguinte, em tôdas as faltas feitas em treinos (algumas forjadas só para isso) todos os atacantes e homens do meio-campo foram treinados para cobrir o goleiro.

No único gol da Argentina, no Maracanã, Leão errou ao esperar a bola descer para ver aonde ela ia. Na semana seguinte, em qualquer tipo de treino, todos estavam instruídos para gritar com Leão, despertar sua atenção para os chutes.

PIAZZA, O CULPADO?

Acusação número 2: essa defesa é ridícula — Todos criticaram Fontana pelos dois jogos, muitos atacaram Baldocchi pelo primeiro jôgo. Mas Joel já entrou no lugar de Fontana (era o titular, só estava machucado) e Brito no lugar de Baldocchi. E Brito está jogando bem.

Acusação número 3: o meio-campo é lento, não marca ninguém — Piazza, acusado do defeito de jogar muito parado e não saber apoiar, foi substituído por Clodoaldo, que deu mais velocidade ao time; Paulo César entrou no lugar de Edu e o meio-campo ficou reforçado, mais forte. E hoje até Jairzinho está voltando para combater o adversário.

Acusação número 4: falta um homem de área, um homem de choque — Os que acusam, não se lembram de que o nosso centroavante titular é Tostão, que Tostão já está bom e vai jogar daqui a uma semana. E Tostão não é Dario, Claudiomiro ou César, jogadores que sabem fazer gols mas não sabem armar jogadas.

Na história do futebol, só dois centroavantes se caracterizaram por fazer gols e abrir espaços para o resto do time: Ademir de Menezes, artilheiro da Copa de 50, e Vavá, artilheiro da Copa de 62. Agora, Tostão está entrando na história.

E se Tostão não puder jogar, centroavantes como Dario, Claudiomiro ou César só iriam prejudicar o esquema tático da Seleção. Êles ficariam plantados na área e não dariam espaços para as entradas dos companheiros. Dario, Claudiomiro ou César prejudicariam tanto quanto o temperamento atual de Saldanha.

tiro livre

PARECE MENTIRA!

O jôgo Seleção x Flamengo (ou Flamengo x Seleção?) foi cancelado depois de uma reunião na Federação Carioca de Futebol. Uma reunião muito gozada. O representante do São Cristóvão de Futebol e Regatas, que já acabou com o setor de remo e agora está quase extinguindo o de futebol, em tom solene, fêz côro com o Vasco e o Fluminense:

— Sou contra.

Sem adversário e sem campo (o Maracanã foi reservado para as esforçadas equipes do Vasco e do Fluminense), a Seleção foi jogar num subúrbio, contra o Bangu.

O poder que o São Cristóvão tem de vetar um jôgo da Seleção Brasileira e do Flamengo mostra como o nosso futebol é surrealista. Êsse jôgo seria um achado para a Seleção e para o Flamengo. Pelo barato, os cofres da CBD e do "Mais Querido" receberiam aí pelos 300 milhões de cruzeiros antigos cada um. Mais do que o Santos recebe para estourar seus jogadores em loucas excursões pelo exterior. Mais do que muitos clubes recebem em meses e meses de atividade. Mais do que o São Cristóvão recebeu em tôda a sua existência. Mas o representante do São Cristóvão é inflexível: — Sou contra.

E não é também surrealista essa idéia da CBD de jogar com o Flamengo? Para uma seleção nacional, não é bom o confronto com um clube, mesmo que seja o mais popular de seu país e esteja numa fase excepcional. Uma seleção precisa de mística, que não pode ser trocada por dinheiro. Precisa ter aquela aura que envolve, por exemplo, o Estádio de Wembley, na Inglaterra, que não abre para qualquer joguinho.

E não é também surrealista a imprevidência da CBD? Há muito ela devia ter a programação certa dos amistosos para a fase de preparação da Copa. A seriedade é incompatível com arrumações de última hora, como esta de a CBD sair por aí implorando que uma equipe estrangeira venha aqui jogar.

Num futebol com uma estrutura caolha como o nosso, tudo é possível, até mesmo a sorte da Seleção depender de um cidadão qualquer que se levanta numa reunião e, em nome do São Cristóvão ou do Arranca-Tôco, anuncia sua posição: — Sou contra.

Maurício Azêdo

cara a cara

De revólver na mão ou com valentia nos braços, êle invade a concentração do Flamengo ou bate num repórter. João Alves Jobim Saldanha, o técnico das feras, há 51 anos vem brigando e batendo, xingando, gritando e ameaçando. Com a mesma naturalidade com que jurou matar os jornalistas que tentassem entrar na concentração, êle concordou em receber e responder a vinte perguntas sôbre a Seleção Brasileira feitas pelo repórter Teixeira Heizer. João domador não mudou: assim agia nos tempos de sócio do "Grupo dos Cafajestes", ou quando era escrevente, ou só jornalista-comentarista-locutor esportivo de rádio, jornal e televisão. Seus quase vinte processos criminais o incomodam tanto quanto o resultado de um jôgo do Bonsucesso. Êle é esperto, inteligente, vivo. Derrota a Justiça com um drible, vence o povo com uma frase de efeito: "O Caneco é nosso".

SALDANHA JAMAIS DEIXAREI A SELEÇÃO

Placar: Você sempre garantiu que Tostão jogará na Copa. Mas na última semana falou em convocar Coutinho e Claudiomiro. O que houve? Você perdeu a fé em Tostão?

Saldanha: Nunca perdi a fé em Tostão. Coutinho e Claudiomiro são exemplos de jogadores que me agradam para a posição. Tostão não é problema.

Placar: Em outubro do ano passado você jantou com Aimoré Moreira e poucos dias depois cortou Rildo, Djalma Dias, Félix, Paulo Borges e Lula. Aimoré teve alguma influência em suas decisões?

Saldanha: Aimoré teve influência decisiva nas minhas convocações. Seu trabalho em 68 foi magnífico, facilitou-me enormemente. É só vocês analisarem as convocações.

Placar: Se hoje a CBD propuser chamar Aimoré Moreira ou outro técnico para ajudá-lo dentro do campo, você aceitará?

Saldanha: Isso eu propus quando fui convidado para técnico da Seleção. A CBD respondeu que queria uma mudança radical. Penso que se tratava de problemas políticos que eu ignorava e continuo ignorando.

Placar: Você acha que o zagueiro brasileiro tem dificuldades para jogar como líbero e por isso prefere montar a defesa sempre com um na sobra. Essa maneira não é muito complicada?

Saldanha: Não. Se usássemos o líbero atrás da defesa, os quatro zagueiros teriam que fazer marcação homem-a-homem. Isso êles não sabem fazer.

Placar: Se um time adversário colocar um homem "marcando" o nosso líbero — que jogará na frente dos zagueiros — o que você fará?

Saldanha: Isso seria ótimo, mas êles não farão. Êles vão é fugir da marcação.

Placar: Se não conseguir impor aos jogadores a mudança da estrutura tática que tanto deseja, você abandonará a Seleção?

Saldanha: Eu nunca abandonarei a Seleção. Além de tudo, a mentalidade que eu quero está indo muito bem: conjunto, cooperação, camaradagem, respeito e vontade de vencer.

Placar: Você acha que a Seleção reflete (dentro e fora do campo) a personalidade de seu técnico?

Saldanha: É claro que um técnico influi. Mas acho que antes de tudo uma Seleção reflete o caráter nacional de um país. Vou dar um exemplo: se eu fôsse técnico da Suíça ou da Dinamarca, mesmo por uns dez anos, acho que os jogadores não mudariam muito.

Placar: A Seleção Brasileira está cumprindo suas orientações dentro do campo?

Saldanha: As idéias de um técnico só se transformam em idéias de um time quando são possíveis de pôr em prática. Penso que estamos tendo um entendimento progressivo muito bom.

Placar: Depois do primeiro jôgo com os argentinos, você disse e escreveu que o 4-2-4 estava morto e reconheceu que a Seleção jogou assim. Por que a Seleção jogou no 4-2-4? Os jogadores não obedeceram às suas ordens?

Saldanha: Os jogadores simplesmente não tinham condições para fazer o vaivém. Não se trata de desobediência, trata-se de não poder cumprir as ordens.

Placar: Antigamente dizia-se que a Seleção não jogava bem porque seus jogadores ainda não se conheciam. Não se pode dizer o mesmo do time de hoje, que vem jogando há cinco anos mais ou menos. Existe algum motivo que impede a Seleção de jogar bem?

Saldanha: Estamos no comêço e não vamos puxar pelo pessoal.

Placar: Se Tostão estivesse jogando os problemas seriam os mesmos?

Saldanha: Com Tostão o time rendia mais porque já estava formado.

Placar: Pelé está aceitando jogar da maneira que você deseja ou está esquecendo as determinações, para jogar como está acostumado?

Saldanha: Pelé não esquece. Tem muita modéstia e magnífica memória. Nos jogos contra a Argentina, principalmente no primeiro, estava em más condições. Ficou até de cama.

Placar: Os jogadores do Santos estão jogando de maneira diferente daquela que vêm fazendo há muitos anos. Êles estão conseguindo a adaptação necessária?

Saldanha: Com muita facilidade, pois são craques.

Placar: Antes você dizia que o time do Santos seria capaz de ganhar de qualquer seleção, até mesmo num campo de várzea. Mas aos poucos você foi eliminando muitos de seus jogadores da Seleção. Você mudou de opinião?

Saldanha: Não era só eu que dizia isso. É só dar um pouco de repouso e um treinamento sério que o Santos continua ganhando. Cláudio era impossível, Djalma Dias e Rildo não andam bem.

Placar: Pelé é considerado por você como homem-chave para tentar ganhar a Copa?

Saldanha: Pelé é muito importante, mas não o chamaria de homem-chave.

Placar: Está nos seus planos ir cortando os jogadores do Santos à medida que fôr encontrando substitutos à altura, até restringir-se a Pelé?

Saldanha: Não tenho preocupações particulares em relação a clubes. Na Seleção há cinco jogadores do Santos.

Placar: Você já disse que nosso ataque precisa dar combate à defesa adversária para nosso meio-campo ter tempo de se armar. Edu não entendeu isso até agora. Isso pode levá-lo a sair do time?

Saldanha: Todos os atacantes têm de participar na defesa. Edu não é problema.

Placar: O futebol brasileiro progrediu dentro do campo de 66 para cá?

Saldanha: Muito, principalmente na preparação física. O Internacional, o Grêmio, o Atlético, o Cruzeiro e outros times estão fazendo um trabalho sensacional. O que falta a nossos treinadores é só tempo.

tiro livre

JOÃO QUIXOTE

O circo do futebol brasileiro, vendedor de ilusões, cheio de feras e atrações está montado. Com a lona estendida sôbre nossas cabeças, armado em meio ao vasto campo da paixão mortal que todos nós temos pelo futebol.

Equilibristas, mágicos, engolidores de tochas — eternos cartolas; feras, bichos lindos e fortes — nossos artistas; e você, João, em quem menos cabe nesta hora a colorida roupa de palhaço. Eis o circo, pouco antes do espetáculo.

Melhor que palhaço, você é domador. Dono das feras e líder de uma legião esparramada pelas arquibancadas, pelas esquinas, pelas fábricas e até mesmo pelos botecos. Gente que você uniu com a coragem dos que entram na jaula do leão, a arrogância de quem desafia a morte num salto no vazio e a segurança dos que dão mil voltas no globo da morte.

Sua bandeira, João, é muito mais a de um Dom Quixote do que o trapo colorido de um palhaço que faz a platéia morrer de rir, mas não resolve o seu problema — ser feliz mais tempo do que alguns minutos.

Ser o domador das feras, trazer a Copa, mudar tôda uma mentalidade atrasada do futebol brasileiro, não deixá-lo virar para sempre um circo mambembe, onde as atrações maiores são os equilibristas, essa a tarefa digna de um Dom Quixote como você.

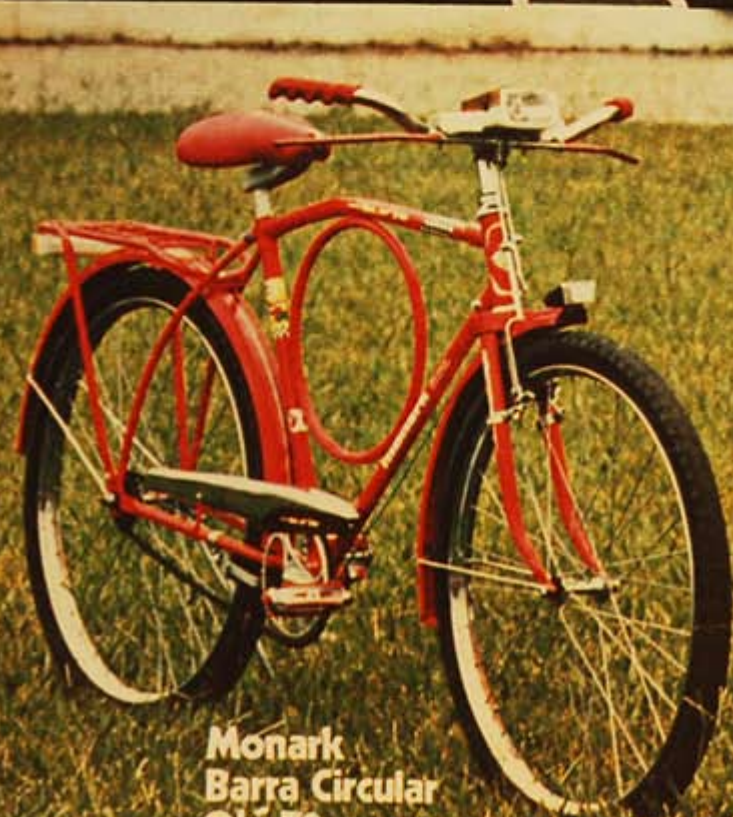
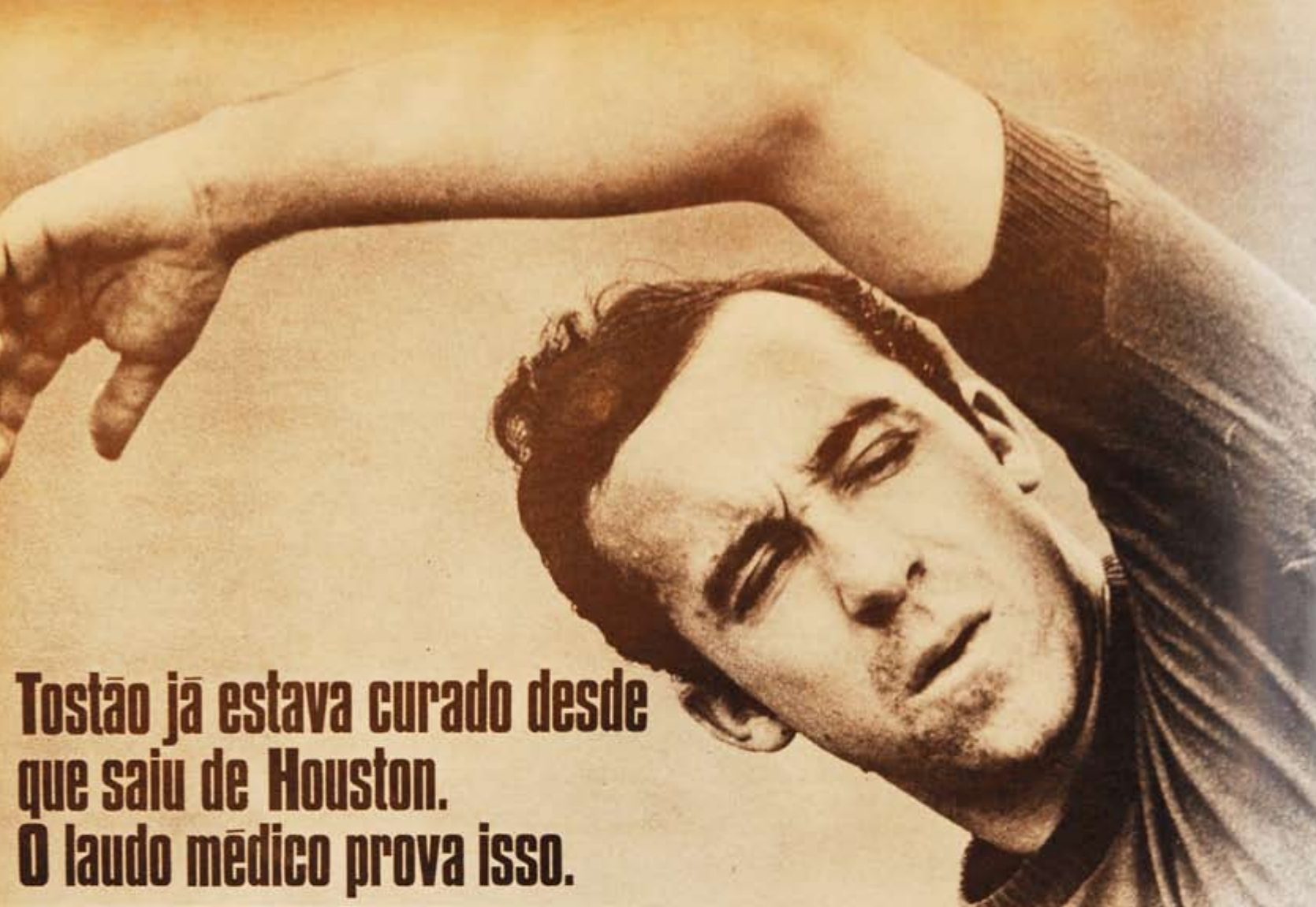
João, você continua sòzinho como chegou, mais revoltado do que antes: é difícil mudar a mentalidade dos empresários que sempre ganharam dinheiro com velhos números — campeonatos mal organizados, desonestidades e desrespeito pela paixão popular. Mas é a partir de você, como crítico raivoso, Dom Quixote em colunas de jornal, que tudo pode mudar. O circo precisa se tornar grande, ter números novos e como vedete apenas as suas feras. Não é preciso mais do que trabalhar, quem sabe quieto, com o chicote na mão, mas não com revólver ou tapas. As feras são suas, com você são mansas e com você podem se tornar ferozes, imbatíveis.

A briga do João-Quixote hoje não é mais de rua, de esquinas (ou com Iustrich, ou com jornalistas), ou mesmo em coluna de jornais (Saldanha, pra que escrever?). Está nas portas fechadas da concentração, no diálogo franco com os jogadores e dentro das quatro linhas brancas de um campo de futebol. Não do Maracanã, nem do Estádio de Môça Bonita. A verdade só vale para o Estádio Jalisco e para o Estádio Asteca da Cidade do México.

Há muito o que mudar até lá e só você, João-Quixote, tem condições de conseguir algo que não seja o morto 4-2-4, o futebol sem preparo físico, o artista sem confiança. Essa briga é maior, mais importante e digna de um João-Quixote puro, líder e síntese da imagem de um povo, mais brigão do que pacífico, mais apaixonado do que amarrotado. Que fique para a imprensa e para os cartolas a tarefa de tentar atrapalhar o seu trabalho. A culpa será dêles se faltar paz ou mesmo dinheiro para a Seleção conquistar a Copa. Fique, junto com as feras, com o bom senso do Russo e com a tarefa de erguer o caneco.

Deixe para nós, o povo, apenas o nó na garganta, o frio no coração e o grito infinito da vitória.

Hamilton Almeida

ENTRAM EM CAMPO AS FERAS DA Monark
OLÉ 70
Atenção, torcida brasileira!
As feras da Monark entram em campo com fome de bola.
É o mais sensacional lançamento do ano: bicicletas tão quentes que vão fazer o Brasil vibrar de ponta a ponta.
Monareta Tigre e Pepita Olé 70, duas feras para os times juvenil e infantil.
Monareta e Monareta Portátil Olé 70, para a divisão de acesso, o pessoal jovem que paquera com energia o time de cima.
E, finalmente, a Monark Barra Circular Olé 70: é o time principal entrando no estádio, dando aquêle Olé de modernidade, de agilidade, fôrça e vibração.
Veja a seleção de inovações da nova linha Monark Olé 70: novas manoplas anatômicas; nôvo refletor com muito maior área; nôvo bagageiro mais bonito e mais amplo e a tração monobloco ponto vermelho. Olé!
As côres da Monark Olé 70 estão tão bonitas quanto as do time do seu coração.
Compre já sua
Monark OLÉ 70
A BICICLETA DO REI PELÉ
—E você, Pelé, o que diz de tudo isso?
—Bem, pessoal, eu acho que quem não fôr de Monark Olé 70, tá de escanteio.
Monark Barra Circular Olé 70
Monareta Olé 70
Monareta Portátil Olé 70
Monareta Tigre Olé 70
Monareta Pepita Olé 70

Tostão já estava curado desde que saiu de Houston. O laudo médico prova isso.

DRIBLA, CHUTA, CABECEIA, FAZ GOLS: TOSTÃO

Reportagem de Hedyl Valle Junior, fotos de Lemyr Martins e Célio Apolinário

Faltam exatamente sete dias, quatro treinos em conjunto, quatro individuais e quatro séries de exercícios para Tostão voltar a jogar futebol.

Mas para Tostão voltar a ser o companheiro maravilhoso de Pelé ainda faltam dois ou três jogos, alguns gols, algumas bolas divididas e muito combate dos adversários.

— Estou meio duro em campo. Preciso ficar mais sôlto, mais à vontade. Só a motivação do jôgo, a competição, o combate e o choque com os adversários é que podem fazer-me voltar a ser o mesmo. Treino só, não adianta.

Era um simples dois-toques para todos os jogadores da Seleção, menos Tostão.

Ele entrou em campo, começou a atacar, chutar, cabecear. Pelé era o goleiro.

E Tostão foi fazendo gols, um atrás do outro. Fêz três, êsse foi o primeiro.

Na semana passada, Tostão fêz um exame completo com o Dr. Queiroga, em Belo Horizonte. O exame comprovou: o ôlho esquerdo está totalmente recuperado. O único mal de Tostão no momento é a falta de condições físicas: no dia 4, não agüentou mais de 15 minutos de coletivo; no dia 10, chegou aos 45, mas completamente exausto, sem se agüentar em pé. O pêso excessivo, sua maior preocupação, já foi eliminado. Tostão está com 72 quilos, seu pêso normal.

— Eu preciso é recuperar a resistência, a fôrça, a velocidade. Isso demora uns quinze dias. Não se esqueçam de que só voltei a treinar há menos de três semanas.

No último treino com bola que fêz, Tostão marcou três gols (o goleiro era Pelé), um dêles depois de levar um "carrinho" do Rei: Tostão ganhou a disputa e chutou forte. E ainda cabeceou bolas, dividiu jogadas, correu, caiu, driblou.

ÊLE QUER JOGAR, DRIBLAR, FAZER GOLS

— Mas treino é treino, não há o mesmo combate de um adversário, não há motivação. Mesmo assim, eu pedi para jogar na minha posição. Depois de muito tempo parado, o jogador perde a noção de colocação, se desacostuma de medir a velocidade e a fôrça da bola, não sabe quando deve dar um "pique" muito longo ou curto. Eu preciso ser combatido, atacado.

Na cúpula da Seleção, Tostão não é mais problema, é torcida. Para o Dr. Lídio, Tostão é apenas uma expectativa para confirmar ou não sua recuperação psicológica; para Chirol e sua equipe, é apenas um dos 22; para Saldanha, a solução de todos os problemas; para Tostão, a volta da alegria.

— Um pouco de alegria eu já tive quando percebi que dei cabeçadas e não me aconteceu nada. Mas na primeira bola que veio alta, eu dei uma cabeçada sem muita confiança, sem direção, sem fôrça e sem jeito. Mas só faltou confiança, porque era a primeira cabeçada. Não tenho culpa se o Ado defendeu, a bola foi no gol, não foi?

Foi.

EXCLUSIVO

Houston, [illegible] de Fevereiro de 1970

[illegible] doutores
[illegible]
[illegible] saudações,

Sumário hospitalar do paciente Eduardo Gonçalves de Andrade em outubro de 1969.

Admitido no Hospital [illegible], em Houston, em [illegible] de outubro de 1969, alta em [illegible] de outubro de 1969.

Diagnóstico: descolamento (separação da retina) [illegible], traumático, do ôlho esquerdo, [illegible] temporal, com hemorragias [illegible] e [illegible].

Sintomas e sinais-históricos. Paciente de [illegible] anos com história de traumatismo na região periorbitária e contusão no globo ocular (trauma direto). [illegible] positivos, bem como sensação de sombra "exceto na região central que é preservada".

Operações oculares anteriores: pterígio ôlho direito em 1968.

Apresenta pterígio interno no ôlho esquerdo não tratado cirùrgicamente.

Outras cirurgias, [illegible] nasal em 1965 e hemorragia [illegible] em 1963. Exame de laboratório, [illegible] de urina, negativo-[illegible]; glicose sanguínea 78; glóbulos brancos, 6.100; hemoglobina 15,6; hematócrito 45; transaminases [illegible] SGOT 17 e SGPT 19.

Serologia negativa ([illegible]) creatinina 1,1.

Curso hospitalar. O paciente foi operado no ôlho esquerdo em [illegible] de outubro de 1969 e em 17 de outubro de 1969 fotocoagulação complementar. [illegible] foi feita com fotocoagulador [illegible] no quadrante temporal superior.

Alta com os seguintes medicamentos:
[illegible] - duas gôtas [illegible] vêzes ao dia;
[illegible] - duas gôtas três vêzes ao dia;
[illegible] - cinco vêzes ao dia e em doses decrescentes;
[illegible] 500 mg - 4 vêzes ao dia, por 11 dias.

Estado atual: O estado da retina é ótimo. Infelizmente, e por ironia do destino, poucas horas após a liberação geral do atleta para a prática esportiva, com restrições parciais a título de precaução e observação médica, o atleta apresentou uma hemorragia subconjuntival do mesmo ôlho esquerdo, sem constituir problema visual, exceto pelo seu efeito estético. Está tomando antibióticos a título profilático. Todo esfôrço será feito na melhor de nossa intenção e tentando superar nossas limitações para recuperação do atleta.

Cordiais saudações,

Roberto Abdala Moura

Tostão não enxergava direito, garante o laudo de Houston que a Seleção recebeu.

CONHEÇA O LAUDO

O laudo médico do Dr. Roberto Abdalla Moura começa dizendo que o descolamento da retina foi provocado por um choque direto no lado esquerdo do ôlho esquerdo. Causou um acúmulo de sangue na massa vítrea (consistência do ôlho entre a retina e o cristalino, massa transparente do ôlho) e pequena inchação.

Tostão, na ocasião, estava com certa dificuldade para ver alguns objetos, porque pontos escuros davam certa sensação de sombra em sua visão, exceto na parte central do objeto visto.

O laudo revela também que Tostão já teve proliferação da conjuntiva, invadindo a córnea (aumento anormal da membrana que envolve a parte interna da pálpebra, invadindo a parte exterior do ôlho). Seu tratamento foi feito com fotocoagulador Zeiss que, infiltrando raios luminosos por entre o ôlho, provocou o colamento da retina.

Outra revelação importante: a hemorragia que Tostão teve depois da operação causou apenas problemas estéticos e não foi nenhuma conseqüência da operação do descolamento da retina.

Placar ouviu 300 pessoas (100 em São Paulo, 100 no Rio e 100 em Belo Horizonte): 226 acreditam que Tostão jogará na Copa; 177 acham que seu substituto ideal é Dario.

PESQUISA: O POVO ACREDITA EM TOSTÃO

O médico Roberto Abdalla Moura, que operou Tostão, garantiu que êle joga na Copa. Você acredita nisso?

	São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim	70	65	91	226
não	30	35	9	74

Você acha que Tostão é realmente indispensável à Seleção Brasileira?

	São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim	54	65	76	195
não	46	35	24	105

Se Tostão não pudesse jogar, quem você escalaria para jogar em seu lugar?

	S. Paulo	Rio	B. Horiz.	Total
Riva	26	31	1	58
D. Lopes	16	24	4	44
Dario	46	38	93	177
Zé Carlos	12	17	2	31

Se você fôsse João Saldanha, assumiria o risco de escalar Tostão?

	São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim	66	61	89	216
não	34	39	11	84

Tostão ficou parado 134 dias. Você acha que êle conseguirá entrar em forma para jogar na Copa?

	São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim	70	67	73	210
não	30	33	27	90

Você acha que Tostão sentirá mêdo de cabecear ou disputar bolas divididas se puder jogar na Copa?

	São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim	48	53	65	166
não	52	47	35	134

Aimoré Moreira, ex-técnico da Seleção Brasileira, bicampeão do mundo, é comentarista exclusivo de Placar.

OS DONOS DA COPA

A glória de erguer os braços acima da cabeça, segurando com as mãos suadas a cobiçada "Jules Rimet", ao final do Mundial do México, deve estar reservada ao capitão de uma dessas seleções: Alemanha, Brasil, Inglaterra ou Itália.

A ordem nada tem a ver com a maior ou menor possibilidade de cada uma delas. É alfabética. E minha escolha não é feita por simpatias ou preconceitos. É a experiência de 30 anos de profissão, de muitos estudos da evolução do futebol europeu, das viagens e dos relatórios que ainda hoje servem à CBD. É tudo isso que me orienta.

Começo abrindo um parêntesis necessário. Uma semana antes de Inglaterra 3, Escócia 1, em 1968, os inglêses fizeram um jôgo usando uma seleção formada por jogadores de até 22 anos de idade. A observação pode parecer desnecessária, mas não é. Naquele jôgo, Alf Ramsey fêz duas experiências importantíssimas e deu a primeira demonstração de como jogará no México: lançou um grupo de jovens fortes (alguns dêles — como Peter Osgood — estarão na Copa) e incutiu naquela turma o espírito de combatividade. É o que nós chamamos aqui de "botar pra quebrar".

Sua "experiência" foi tão proveitosa que o jôgo terminou 15 minutos antes do tempo normal e o adjetivo mais suave que Ramsey recebeu da imprensa foi "criminoso".

Os alemães enganam muito e quem se basear no que viu em seus amistosos poderá, tranqüilamente, entrar numa barca furada. Nos doze dias que vivi na Escola de Educação Física de Colônia, vi os alemães treinando para enfrentar a altitude do México e êles, sem qualquer receio, me confessaram que encaram os amistosos como uma simples batalha simulada. Na Copa, dizia-me seu técnico, "somos onze cães famintos correndo atrás de um pedaço de osso".

A Itália não fica atrás. Hoje é uma seleção muito diferente daquela de 66. Vai mostrar um futebol viril e agressivo (não confundir com desleal).

Mas agora que já fechei o parêntesis, vou fazer uma observação para que não tirem conclusões apressadas e erradas: Itália, Alemanha e Inglaterra não devem chegar às finais apenas pela dureza do seu futebol. Essa é apenas uma parcela na soma dos trunfos que êles levam para lá. As outras, tão ou mais importantes do que aquela, são seus sistemas de jôgo, que nós brasileiros, por teimosia ou por falta de humildade, ainda não resolvemos destruir.

Os alemães e os italianos jogam com líbero e é aí que começam nossas dificuldades: os brasileiros parecem sofrer de líbero-fobia. Basta dizer que um adversário joga com líbero e já admitimos, pacìficamente, a idéia de que será difícil vencer sua defesa.

A formação dos inglêses em campo é um pouco diferente. Mas vamos por partes.

Os líberos alemães e italianos jogam com movimentação diferente. O líbero italiano guarda sempre sua posição e cobre muito bem qualquer um dos quatro zagueiros. O resto da defesa faz marcação rígida. É muito comum se ver um lateral acompanhando o ponta adversário pelo meio de campo.

Eu acho que essa maneira de jogar dos italianos facilita e convida o adversário a uma esquematização de jôgo sem bola.

Com o líbero alemão as coisas já são diferentes. Êle é o líbero perfeito quando seu time é atacado. Quando atacam, êle passa a ser um dos quatro zagueiros, permitindo ao substituído ir para a frente fazer parte do bloco que "afoga" a defesa contrária.

A Inglaterra não se define com um líbero. De 62 para 66 houve uma mudança radical não só no seu futebol, mas, principalmente, na mentalidade dos seus jogadores. Na Copa de 62 êles abandonaram o "WM" e tentaram um mambembe 4-2-4. Foi nosso jôgo mais fácil no Chile. Depois do fracasso, trocaram o técnico, e Ramsey criou outro sistema, outra mentalidade. Ramsey enfiou na cabeça dos jogadores que êles precisavam ser mais homens e mais machos.

Na Copa êle deve trabalhar com um sistema de cobertura: qualquer jogador do time faz a cobertura do homem que está combatendo. Seu jogador-chave é o ponta-esquerda Peters. Êle e o ponta-direita recuam para o meio de campo, formando, de início, um 4-4-2. Quando atacam, os laterais descem pelo "corredor" que é aberto pelo recuo dos pontas e êles, na verdade, é que se transformam nos verdadeiros pontas. Os dois médios revezam-se com os pontas-de-lança e é bem possível que Ramsey puxe um dêles para jogar na frente dos zagueiros, desempenhando um papel parecido com o de Piazza. Este homem faz lançamentos longos para a corrida do lateral-direito, que é canhoto e desce pela ponta. Na passagem da defesa para o ataque, o time passa, também, do 4-4-2 para o 2-4-4; quando perdem a bola, o atacante faz uma "cortina" para evitar a progressão do inimigo e dar tempo de a defesa se recompor. É a sanfona.

Aqui vale um conselho aos nossos laterais: contra time que ataca com os laterais, êles fazem o seguinte: lançam dois homens às suas costas. São os pontas-de-lança que cedem o lugar para os volantes ou zagueiros. Seu futebol é o mais perfeito e moderno que vi nos últimos tempos.

Entre essas três seleções impera um princípio importante: "Quando estamos com a bola, jogamos. Quando os adversários tomam a bola, não devemos deixá-los jogar".

Não coloco o Brasil entre os quatro só por patriotismo. Embarco nessa porque acredito nas qualidades individuais dos jogadores. Mas advirto que elas não serão o bastante. Precisamos entrar com jogadores que se adaptem a sistemas diferentes, e temos gente para isso. Precisamos ser mais agressivos na marcação (não falo de violência). Precisamos não deixar o adversário progredir com a bola.

Três homens no meio-campo é o bastante contra a Itália. Êles não ocupam muito aquela zona. Um homem em cima do líbero, jogando sem bola, atraindo-o para os lados e permitindo a entrada de dois que venham de trás (por isso sou mais Zé Carlos que Gérson).

Para os inglêses, dois homens caindo nas costas de seus zagueiros, sem cair no êrro de mandar nossos pontas ficarem recuando para marcá-los. E, contra a Alemanha, eu jogaria com os pontas (não confundir pelas pontas), levando outro jogador para aquela zona, tabelando, ganhando do lateral, puxando outro na cobertura e fazendo entrar dois de trás, pelo meio. A Itália é o nosso pior adversário porque joga com líbero fixo. E nós, desgraçadamente, não temos ninguém disposto a enfrentá-lo. Se Pelé aceitasse ficar em cima dêle, tentando vencê-lo em jogadas pessoais, poderia ganhar três em cinco tentativas.

Se tentarmos chegar de uma área à outra com quatro ou cinco passes rápidos, nossas chances serão iguais às dêles. Fora disso não vejo como.

Aimoré Moreira

de primeira

UM GRANDE PROBLEMA DO FUTEBOL

Sensacional debate tomou conta da última assembléia da Federação Pernambucana de Futebol. Tema: "Ida do presidente Rubem Moreira à Copa do Mundo". Como variações, se êle devia ir sòzinho, com a espôsa, ou com um diretor, dividindo as despesas. Depois de horas de violentos apartes e réplicas, o Sr. Leopoldo Casado, autor da idéia, levantou-se e, em tom do maior formalismo, declarou: "Sr. Rubem Moreira, presidente da FPF. Queira fazer o favor, o obséquio, de aceitar nosso convite para assistir à Copa do Mundo, no México, com sua espôsa, tudo por conta da Federação". Rubem, que até aí não tinha dito nada, coçou o queixo e fêz uma pausa, aumentando o suspense. Iria recusar? Iria aceitar? Iria sòzinho? Levantou-se e, em tom não menos formal, declarou com franqueza e honestidade: "Está bem. Se insistem, eu topo".

JOÃO, O IRÔNICO

Saldanha estava no meio da roda formada por repórteres e já tinha falado de tudo sôbre a Seleção. Um repórter perguntou se não havia mais novidades e êle não se perturbou:

— Existe sim, os garotos andam reclamando dos mosquitos que perturbam o descanso, mas já lhes ensinei como resolver a situação. Disse para fecharem as janelas durante o dia. Sei que à noite sentirão um calor danado, mas em compensação não vão precisar mais brigar com os mosquitos.

EXTRA

A FIFA está ameaçando não deixar o Brasil jogar no México, se a CBD não forçar o Flamengo a pagar o que deve ao Barcelona (compra do passe de Silva). Se o Fla não pagar, a CBD deve saldar a dívida, mas João Havelange (foto) está chiando.

JÔGO SEM BOLA

Carlos Alberto, entrevistado por um jornal, explica por que era tantas vêzes expulso.

— Vocês podem ver uma coisa: da última vez em que fui expulso, lá no Recife, contra o Náutico, reclamei dos pontapés que Manoel Maria levava. Pois bem, o juiz que me expulsou foi o mesmo que deu a saída de um jôgo em Belo Horizonte, sem bola. Êle entrou em campo atrasado, apitou e os jogadores fingiram dar a saída e continuaram jogando sem bola até o juiz perceber. Assim não dá, não é?

COME MARCO ANTÔNIO, COME

Muita gente já sabe que João Saldanha é um homem que conhece profundamente os segredos do microfone, da máquina de escrever e dos esquemas de jôgo de um time de futebol dentro do campo. Mas ninguém sabia que êle entendia de medicina:

— Êsse Marco Antônio não consegue mesmo engordar. Quando sobe 100 gramas é uma festa. Mas já descobri o jeito de engordá-lo. Vou fazer como se faz com galinha fujona: mandar amarrá-lo no pé da cama e deixar um prato de comida do lado.

COMENTÁRIO DE UM CONHECIDO TÉCNICO CARIOCA, SÔBRE A CONTRATAÇÃO DE PAULO AMARAL PELO FLUMINENSE:
— SÓ PORQUE A CONTRATAÇÃO DE IUSTRICH ESTÁ DANDO CERTO, OS DIRIGENTES RESOLVERAM MOSTRAR MAIS UM POUCO DA SUA FALTA DE IMAGINAÇÃO. ASSIM, VAMOS ACABAR TENDO BOXEADORES COMO TÉCNICOS DE FUTEBOL.

GAÚCHO NÃO ADMITE LADRÃO, OUVIU?

O nôvo presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Rubens Hofmeister, já conseguiu provar plenamente sua fama de homem decidido. Estava assistindo a um jôgo pelas finais do Campeonato Amador e, irritado com os erros do juiz João Barbosa de Sousa, entrou em campo, parou o jôgo e fêz seu sermão:

— Olha aqui, não quero ver jôgo com juiz errando. Apite direito ou nunca mais vai ser juiz na vida.

DARIO, O BOM-CARÁTER

Dario chegou ao Maracanã contratado pela Rádio Guarani para comentar o jôgo por 500 cruzeiros novos. A Itatiaia ofereceu 2 000, mas Dario manteve a palavra, ficando com a Guarani. "Pela diferença, você devia ter deixado o caráter em Minas", disse o massagista Gregório.

Na semana passada um grande problema agitou a concentração do Brasil, no Retiro dos Padres. O problema era com Paulo César.

Sexta-feira, o ponta-esquerda Paulo César conseguiu dar a maior corrida desde que começou a jogar futebol. E mostrou que está muito bem preparado fisicamente. Só que sua corrida não foi dentro do campo.

Um cartório do Rio estava com um título sacado contra êle para ser protestado e só depois de muita movimentação, que exigiu até a presença dos dirigentes da Comissão Técnica, Paulo César conseguiu evitar o protesto. Depois de descansar, Paulo César contou a história.

A CBD pagou seus salários adiantados ao Botafogo, mas o clube guardou o dinheiro e não deu nada a êle. Paulo César estava contando com êsse dinheiro para liquidar as prestações do apartamento que comprou.

— Nunca mais entro numa dessas. Agora vou querer dinheiro na mão.

A situação de Paulo César não é a única no Rio. Paulo Henrique, lateral-esquerdo do Flamengo, também está com alguns títulos no protesto e outros já na Justiça. A firma Acessórios e Peças para Automóveis Okrasa Ltda. move uma ação executiva na 22.ª Vara Civel, cobrando três duplicatas de NCr$ 1 200,00 cada, que se referem à compra de um carro que ganhou do Flamengo para renovar contrato.

O centroavante da Selecao precisa ter talento, nao basta ser apenas um centroavante de choque

Tostao

FALTA UM LEÃO EM NOSSO TIME

Reportagem de Fausto Neto e Sucursais

"Tostão é craque, Pelé é fenômeno. Mas essas qualidades não justificam a presença dos dois num só ataque. Contra equipes sul-americanas ou sem organização tática, a dupla funciona. Mas contra seleções européias, não dá."

Nas Copas de 58 e 62, o pernambucano Edvaldo Izídio Neto ficou conhecido como o "Leão", por seu jeito imprevisível de fazer gols e pelo jôgo duro e até violento na área. Vavá era um centroavante. É êle quem fala:

"A falsa imagem de que o homem de área é um jogador burro, que não raciocina, está matando uma peça vital no futebol brasileiro. Dentro de mais algum tempo, nenhum 'Vavá' sobreviverá na profissão. É utopia pensar que de passe em passe, na cadência e no ritmo dos atacantes brasileiros, pode-se vencer os europeus."

O jogador Vavá agora está com 35 anos, já viajou e jogou pelo mundo inteiro, em times ou seleções. Tem vários títulos e muitas glórias. A maior delas: bicampeão mundial, como centroavante.

"Pelé e Tostão voltam sempre para começar jogando. O Jair, na ponta, perde muito de seu poder ofensivo. E Piazza, excelente na destruição, não é o sexto atacante ideal. Resta Gérson. Mas, se todo mundo joga atrás, quem vai poder aproveitar os seus lançamentos?"

FALTA TONINHO

Hoje Vavá vive numa casa grande e moderna, de dois andares, no bairro da Tijuca, no Rio. Vive com a mulher e quatro filhos. Êle ficou rico jogando de centroavante.

"Eu era um desbravador de defesas e um voluntário na luta às vêzes desigual contra os gigantescos beques de times onde a fôrça atlética era quase insuperável. Fiz gols mas nunca fui um gênio, um talento."

Depois de Vavá, começou uma procura desesperada no futebol brasileiro: o companheiro ideal de Pelé. Foram convocados Servílio, Célio, Flávio, Alcindo, Silva e Parada. Nada deu certo como antes, ninguém era realmente centroavante.

"Agora Toninho seria o companheiro ideal para Pelé, não sei por que o dispensaram. Geralmente, quem joga ao lado de Pelé procura fazer tudo para êle. Isso é burrice. Para jogar ao lado de Pelé é preciso ter personalidade. Toninho tem."

FALTA O BRIGÃO

Vavá hoje é industrial (tem uma metalúrgica) mas não esqueceu o futebol. Indo aos estádios ou vendo **tapes**, êle conclui que jogadores como Dario ou Dionísio, os "brigões", precisam de uma oportunidade. Sem êles, como poderemos vencer a Tchecoslováquia, a Inglaterra, a Itália, a Alemanha ou a União Soviética, os nossos maiores perigos? E cada vez que Vavá chega a essa conclusão, repete: o que faz falta é um centroavante.

"Estão falando muito em altitude, mas o jogador bem preparado resiste a isso. Botafogo e Santos sempre jogam no México e quase sempre ganham."

Vavá sempre foi um admirador da energia do atleta europeu. E foi dessa energia que nasceu o futebol-fôrça, explorado pelos inglêses, alemães, italianos, espanhóis, tchecos, húngaros, iugoslavos e soviéticos. Para vencê-los, não se pode jogar com toques excessivos ou muita troca de passes para chegar à área. É justamente o que êles desejam, pois têm defesas preparadas para êsse tipo de jôgo.

"Para vencê-los é preciso ter centroavante."

Eu sempre fiz muitos gols, já nem me lembro quantos foram. Eu conheço bem a área.

Na base da tabelinha, com todo mundo carregando a bola, trocando uma infinidade de passes laterais, vai ser difícil o Brasil ter sucesso no México. Se êle quiser disputar a Copa de igual para igual terá que colocar um jogador de área no ataque. Não quer dizer que êsse homem seja eu, mas tenho esperanças de ser convocado. O jogador de área a que me refiro tem de ser veloz, inteligente, hábil e bom goleador. Modéstia à parte, eu estou numa fase sensacional. Sei como sair de qualquer situação, não tenho mêdo de beque violento e já perdi a conta dos gols que fiz no Botafogo, meu único clube até agora. Se eu fôsse para a Seleção, já sei como jogaria: colado ao último beque do adversário, o líbero, usando a velocidade. Pelé teria de jogar sem bola, atraindo o adversário para fora da área. E os pontas teriam que jogar bem abertos. A Seleção agora está jogando errado: os atacantes voltam para combater o adversário e estão recomeçando a jogar lá de trás. O ruim é que voltam lentamente, tocando muito a bola. Outro defeito: não há ninguém para aproveitar os lançamentos longos. O próprio Jair está perdido na Seleção, não está sendo bem aproveitado na ponta. Não estão sabendo aproveitar a velocidade do Jairzinho, o único que, a meu ver, poderia resolver o problema na falta de um centroavante. (Roberto, 26 anos, 1,74 de altura, centroavante do Botafogo.)

Sou o salvador da Seleção. É só ser convocado que farei gols como Vavá.

Artilheiro tem que ser como eu. Recebo lançamentos ou passes, entro na área e procuro o gol de qualquer jeito. É assim que eu gostaria de jogar na Seleção, para mostrar que joguinho curto não resolve o problema do Brasil. Eu jogo para fazer gols. Jogo assim no Atlético e sou ídolo e artilheiro. Joguei assim na Seleção e fiz aquêle gol, um dos mais importantes da minha vida (era a Seleção Mineira contra a Paulista, no Parque Antártica). Eu recebi de Dirceu Lopes, entrei na área pela direita; quando os paulistas pensaram que eu não tivesse mais chance, entrei na corrida e chutei. Gols eu tenho feito demais. Gostaria de mostrar ao Saldanha que tenho razão. Precisamos de um homem-gol. Mas Saldanha não quer me dar essa oportunidade. Por exemplo: se no primeiro jôgo com a Argentina o Brasil tivesse um centroavante como eu não perderia o jôgo. Na área o negócio é só comigo, eu dou velocidade ao time. Eu falei que o Brasil precisa de um centroavante, no comentário do segundo jôgo com a Argentina que fiz para a Rádio Guarani; só que não falei que o homem tinha que ser eu, é claro. Também não me importa que o Tostão tenha dito que o Brasil precisa de jogadores de talento e não de jogadores de choque. Eu só garanto uma coisa: se fôr convocado marcarei os gols do Brasil na raça, como Vavá em 1958. (Dario, 23 anos, 1,80 de altura, centroavante do Atlético.)

Se eu jogar ao lado de Pelé farei muitos gols. Serei o artilheiro da Copa.

Um radialista garantiu que o Saldanha me chamou de epiléptico. Foi muito chato êle dizer isso, não foi? Os meus exames médicos estão aí para provar que não sou doente. Mesmo assim eu gostaria muito de ser convocado. E acho que iria corresponder, é só me chamarem. Falo isso sem menosprezar ninguém. Respeito todos os que estão na Seleção, mas o negócio é que eu também sei jogar. O que eu não admito é um cara jogar ao lado de Pelé e não fazer gol. Precisa ser muito ruim. Eu nunca joguei ao lado do "Crioulo", mas quando jogar acho que serei o artilheiro da Copa. Não sou modesto porque acho que a modéstia é uma besteira. É verdade que está faltando um centroavante na Seleção, e acho que êsse centroavante sou eu. Tenho confiança em mim, é o suficiente. Há outra pessoa que também tem confiança no meu jôgo: é o Julinho, que já foi ponta-direita da Seleção Brasileira. (A opinião de Julinho: "Precisamos de um centroavante versátil: César".) Por isso, acho que poderei ir muito bem na Seleção. É só me convocarem, estarei pronto — mas acho que isso será difícil. (César, 24 anos, 1,74 de altura, centroavante do Palmeiras.)

Podem falar o que quiserem, mas eu não acredito que serei o centroavante.

Eu ouço muito o Saldanha falar que vai me convocar se o Tostão não puder jogar. Ouço muito também os torcedores dizerem que eu já estou na Seleção. Eu ouço tudo isso mas não acredito. Apesar de ter lido nos jornais as declarações de Saldanha, ainda estou em dúvida. (As declarações de Saldanha: "Claudiomiro tem senso de oportunismo para estar no lugar certo quando o goleiro larga a bola; chuta com os dois pés; tem sentido de colocação para cabecear as bolas centradas; sabe tabelar, é veloz e sabe jogar fora da área também. Claudiomiro é o centroavante ideal".) Soube que depois do primeiro jôgo com a Argentina o Saldanha foi até a casa do Daltro, técnico do Internacional, para saber como eu estava. Houve uma reunião entre êle, Daltro e os médicos Paulo de Tarso e João Horácio, todos do Inter. Depois Daltro me disse que Saldanha prometeu me convocar. Mesmo assim eu não acredito muito. Apesar de tudo, acho que seria sensacional jogar na Seleção Brasileira. A torcida gaúcha diz que eu sou bom centroavante, mas que tenho um defeito: perco tantos gols quantos faço e me perturbo diante do goleiro. Isso não é verdade. Só perde gol quem entra lá na área e cria situações, quem fica de fora não pode perder, é claro. Eu não comento o ataque da Seleção Brasileira, acho que o Saldanha sabe o que deve fazer. (Claudiomiro, 20 anos, 1,69 de altura, centroavante do Internacional.)

Em 1962, no Chile, Vavá fêz quatro gols. No jôgo contra os inglêses, acima, êle fêz um, sempre jogando na frente.

copa

Placar apresenta em primeira mão no Brasil as figuras - símbolos da Copa do México. E ninguém vai poder usá-las sem autorização: aqui no Brasil todos os direitos de reprodução pertencem a uma emprêsa de São Paulo, a B. A. Levy.

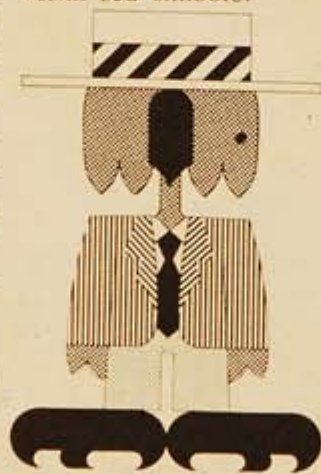
O SÍMBOLO DO MUNDIAL: PICO, UMA ÁGUIA FEROZ

México

Pico, uma pequena agüia que nasceu de uma bola de futebol, é o símbolo nôvo e oficial da Copa do Mundo de 70.

Juanito, o antigo símbolo (um menino mexicano de sombrero, umbigo de fora e calça curta), foi derrotado porque desde que surgiu provocou protestos. Diziam que seu arzinho infantil e inofensivo não dava a imagem exata do povo mexicano:

— O México não é nada disso. O México é luta, é garra.

Depois disso, Juanito foi desaparecendo, até Lance Wyman, um jovem desenhista americano radicado no México, criar a pequena águia que joga futebol, que luta e que tem tôda a garra que Juanito não tinha. Lance define assim seu símbolo:

Brasil

— Pico é completamente diferente de Juanito. Pico é agressivo, tem movimento, dignidade e ainda tem a garra que o povo mexicano exige.

E de Pico nasceram todos os símbolos dos 16 países que participarão da Copa dêste ano. Cada país é representado pela figura da águia vestida conforme a tradição local.

O símbolo do Brasil, por exemplo, é um Pico vestido de "malandro": chapéu de palha, calça clara, paletó branco e prêto de listras verticais, gravata preta e camisa branca. Foge um pouco do "malandro" carioca, é mais o sambista segundo o cinema americano.

"Não há vencedor certo para a Copa do Mundo. Se houvesse, lògicamente não haveria necessidade de disputá-la." — De Sir Matt Busby, o mais antigo e famoso técnico da Inglaterra.

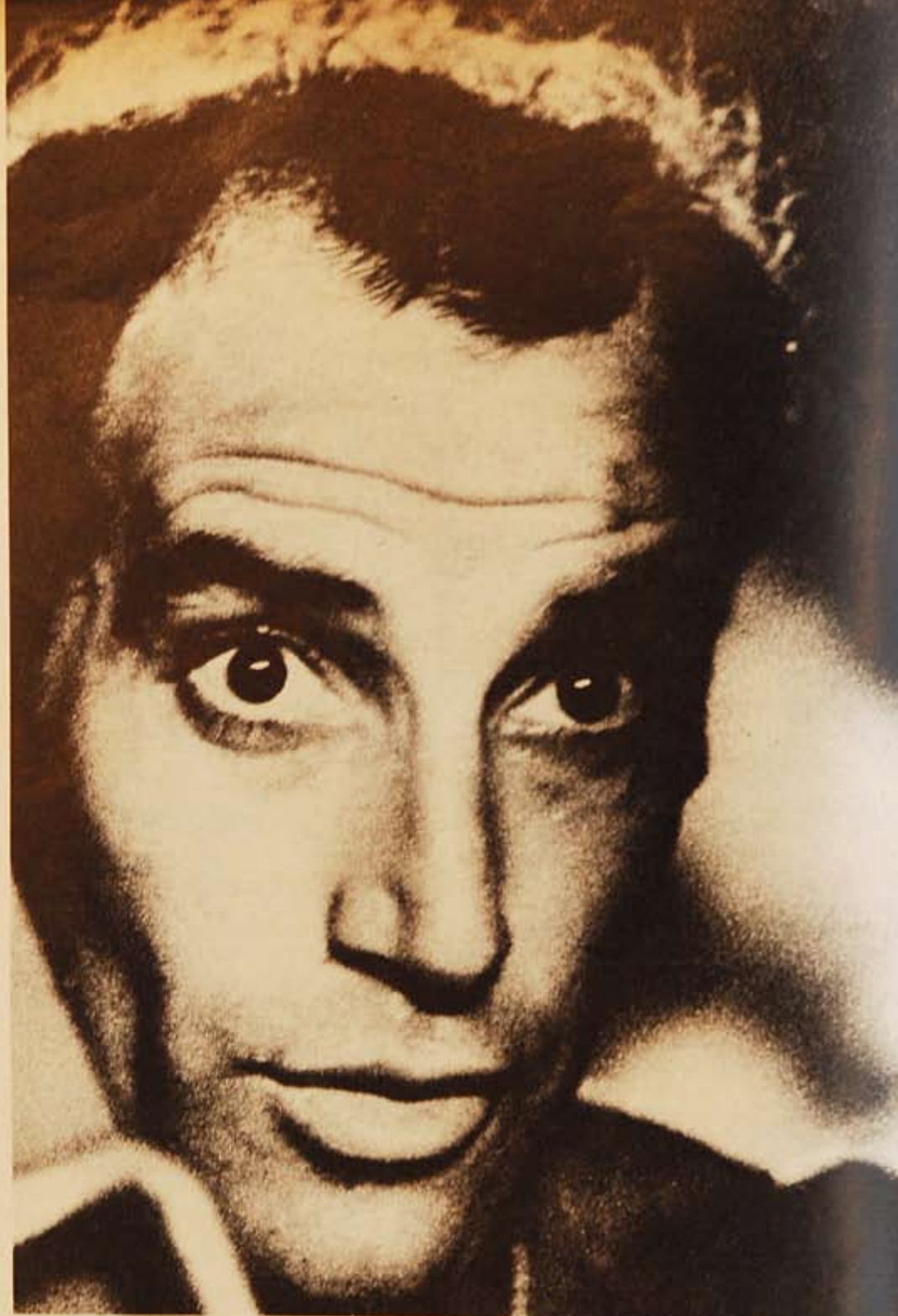
"Se Caetano e Cortez não puderem jogar, nenhum jogador do Peñarol vai se apresentar à Seleção." — Dos jogadores do Peñarol, logo após Caetano e Cortez terem sido suspensos por **dopping**.

"Concordo que não se deve proibir jornalistas na concentração, mas acho um abuso jornalistas irem à concentração para tomar cafèzinho e jogar bilhar." — Do supervisor Adolfo Milman, o Russo.

"Se qualquer seleção, em qualquer jôgo da Copa, resolver caçar o Pelé e o Tostão, podem estar certos de que receberão o trôco na hora." — De Fontana, quarto-zagueiro da Seleção Brasileira.

"A altitude do México não é problema e não vai prejudicar ninguém na Copa." — Conclusão de vários cientistas peruanos, após um prolongado estudo feito no Instituto de Biologia de Lima.

XINGA PELÉ, FALA MAL DA SELEÇÃO, DISCUTE COM SALDANHA, DENTRO DO CAMPO PARECE UMA FERA: UM LÍDER PRECISA FAZER TUDO ISSO. GÉRSON NUNES FAZ, É UM AUTÊNTICO LÍDER.

EIS O SEGUNDO TÉCNICO: GÉRSON

Reportagem de José Maria de Aquino
Fotos de Lemyr Martins

Jairzinho faz o gol e Gérson é o primeiro que corre para abraçá-lo. Leão leva o gol, e enquanto os outros jogadores correm para consolá-lo, Gérson faz um gesto de desaprovação. Pelé não dá a bola a um companheiro bem colocado, tentando a jogada pessoal. Gérson levanta o dedo e grita com êle.

Nos treinos, na concentração, no hotel ou nos jogos, em tôdas as situações, os jogadores da Seleção Brasileira sentem a piada, o riso ou o grito de Gérson Nunes. Ninguém o classifica de líder. Ao definir o líder, porém, quase todos definem Gérson.

Para Pelé, o líder não se cria nem se impõe: êle nasce líder. No futebol êle surge automàticamente. É o jogador que se afirma pelos gritos certos na hora certa, é o que sente e vê melhor o jôgo, é aquêle que a cada grito ou decisão vai ganhando — sem que perceba — a confiança de todos. O líder não vive gritando "eu sou líder". Êle não necessita de auto-afirmação. O próprio Gérson nunca aceitou ser chamado assim:

— Se ser líder é não querer perder nunca, dentro ou fora do campo, e tratar a todos — cozinheiro ou dirigente — com a mesma dignidade, então eu sou líder aqui, em casa e na rua.

Nos jogos e nos treinos, um pouco antes de começar, Gérson reúne todo o time em três grupos — defesa, meio-de-campo e ataque — e gesticula muito, aponta para todos os lados do campo e procura transmitir a todos o que pensa quando repete uma frase comum:

— No campo eu só chuto a bola, não estou lá para chutar fora os "bichos".

Seus braços não param nunca, seu dedo indicador está sempre apontado para o lugar que o companheiro deve cobrir, sua bôca está sempre aberta para um grito, e seus olhos nunca olham apenas para a bola. Êle está sempre vendo o campo inteiro e falando com um companheiro que pode estar perto ou muito longe da jogada.

Para os psicólogos é fácil entender seu domínio sôbre os companheiros. Sua ficha na CBD diz que êle é emotivo, tem grande coragem, moral elevado, grande autoridade, é sincero e sempre sabe o que quer. Na Seleção, Gérson é o jogador que mais conversa com Saldanha.

JOÃO OUVE, ISSO É MUITO BOM

— Converso porque Saldanha admite o diálogo. E esta é, talvez, sua melhor qualidade como técnico de futebol. Se êle não trocasse idéias, não falasse, e depois parasse para ouvir, eu talvez acabasse agindo como fiz com Flávio Costa e outros cabeças-duras que andam por aí ditando regras sem freqüentar faculdades.

Gérson acha que para se entender de futebol é preciso ter vivido intensamente o ambiente, ter jogado bem ou ter acompanhado de perto o futebol por muitos anos. Lá de cima, diz êle, é muito fácil criticar ou aplaudir. Mas é no campo que a gente sente o pêso do fardo.

— Por isso é que o João está certo. No intervalo dos jogos, êle diz para a gente o que viu de fora, escuta o que temos para contar e muitas vêzes aceita nossas opiniões sôbre como jogar no segundo tempo. O João não trouxe para cá as manhas dos comentaristas que sabem de tudo, que são os donos da verdade, mas que no duro não enxergam nada.

Depois do primeiro jôgo contra os argentinos, em Pôrto Alegre, Gérson reclamou muito da Seleção Brasileira. Achou a vaia da torcida justificada pelo péssimo futebol jogado pela Seleção e conversou muito com Saldanha.

— Eu ainda acho que é preciso impor uma linha dura na Seleção, para que ela não caia no êrro de outras. Não estou falando de linha dura contra indisciplina fora do campo, que não existe. É a linha dura contra a indisciplina tática, contra os vícios que cada um sempre traz do seu clube e que devem acabar antes de a gente começar a enfrentar os gringos.

Do jôgo do Beira-Rio para o do Maracanã, Gérson mudou um pouco sua opinião:

— Lá eu estava desesperado porque não gosto de perder jogando pèssimamente e para time pior do que o meu. Perder jogando bem não é nada, mas perder sentindo que ninguém faz nada certo é duro. No segundo jôgo, ganhamos e melhoramos um pouquinho. Isso me deixou mais calmo. Daqui para a frente precisamos jogar mais vêzes e consertar alguns vícios bobos que podem destruir a chance de uma vitória na Copa.

Gérson tem treinado com a mesma disposição com que joga. Grita muito, gesticula sempre e já "proibiu" Saldanha de apitar dois-toques dizendo que êle não ia levar a brincadeira a sério. Mesmo treinando sério, Gérson acha que só muitos jogos podem ajudar o time a se entrosar.

— Treino é como rascunho, não adianta nada. O que precisamos é jogar com adversários difíceis como a Argentina. Sou contra jogos fáceis e fazer dois jogos contra a mesma seleção. É preciso mudar os adversários, escolhendo times que joguem diferente. É assim que a gente consegue assimilar as situações diversas e aprender como sair delas.

— Um joguinho contra o Flamengo seria bom para a gente mostrar que êsse negócio de correria não adianta nada. Muitos sabidos por aí acham que a Seleção precisa correr, dar

NO BOTAFOGO EU ERA A OVELHA NEGRA, O MAU CARÁTER. MAS NINGUÉM SABE QUE NA SEMANA PASSADA O PRESIDENTE DO BOTAFOGO FOI A SÃO PAULO TENTAR ME COMPRAR.

trombadas e arranjar um ponta-de-lança peitudo e trombador. Não é nada disso.

— Quando o João diz que o time precisa tocar a bola, levando-a da defesa para o ataque, sem chutões longos, êle está certo. Na Copa ninguém vai me ver fazendo lançamentos longos, não vai dar para jogar assim. Já enganamos quatro Copas com êsse joguinho, agora êles já descobriram o truque. Só os brasileiros ainda entram nessa. No Botafogo eu lançava o Roberto, êle fazia dois gols e a gente já podia descansar.

— Agora, quem sabe jogar deixa sempre dois homens lá atrás, não adianta tentar atraí-los para jogar nas suas costas. Êles atacam com os quatro do ataque, com os dois do meio de campo e, às vêzes, com os laterais. Não adianta colocar um trombador lá na frente, êle não passaria nunca pelos dois zagueiros que guardam posição. A solução que eu vejo é esta: quando formos atacados, nosso meio de campo deve vir para a frente da área e o ataque deve ficar no meio de campo dando combate. Depois que roubarmos a bola, devemos sair jogando, envolvendo os gringos com trocas de passes. Uma vez ou outra talvez dê certo esticar uma bola para os pontas, se êles jogarem bem abertos.

— Sei que vai ficar um jôgo-de-empurra, um jôgo parecido com a dança da quadrilha, mas não pode ser diferente. É jôgo para não perder: ganha o que tiver mais sorte ou habilidade. E o nosso time está falhando porque ainda não entendeu isso. Não podemos viver do 4-2-4 que o Santos usa para ganhar de 6 a 4. É ilusão dizer que está certo, só porque sofreu quatro gols mas fêz seis. Se o Santos jogasse mais trancado, faria os mesmos seis e tomaria só um ou dois gols. As goleadas acabaram junto com as eliminatórias e só existiram porque os adversários eram fracos. No México, o negócio é jogar pelo 1 a 0.

O LÍDER GRITÃO JÁ MORREU

Nos dois jogos com os argentinos, Gérson deu três bolas para Pelé, entrou para receber e viu Pelé preferir a jogada pessoal. Numa delas, Gérson reclamou aos gritos, nas outras balançou a cabeça e voltou andando para o meio de campo.

— Na primeira, achei que Pelé tinha condições para devolver a bola, nas outras entendi sua condição de atacante: todo atacante é egoísta por natureza. Êle não faz isso por maldade, pois se fizesse eu bronquearia. No Flamengo, o Dida fazia a mesma coisa.

A época do líder-capitão que gritava a todo momento, que ameaçava os companheiros e procurava intimidar os juízes já é coisa do passado. Morreu quando Obdúlio Varela guardou as chuteiras. Hoje ninguém mais admite êsse tipo de liderança. Para Saldanha, antes de falar em liderança, é melhor falar em espírito de luta:

— O jogador que mostra maior espírito de luta acaba ganhando a confiança dos outros e acaba aparecendo mais para os que estão de fora. Na Seleção não vamos precisar dêsse tipo de jogador porque todos terão a mesma dose de espírito de luta. Mas se por acaso surgir um jogador que naturalmente se destaque dos outros, aceitarei sua liderança. O que não pretendo é impor um nome.

Até hoje Saldanha não escolheu Gérson para ser o líder da Seleção, nem pensou em seu nome para capitão. A liderança de Gérson surgiu espontâneamente em seu tempo de garôto, quando jogava num terreno baldio perto da casa de sua tia, em Niterói, e continuou em todos os clubes por onde depois êle passou. No Flamengo, quando Flávio Costa chamou Jordan de "bananeira que já deu cacho", para justificar a escalação de Paulo Henrique, Gérson saiu em defesa do companheiro, ameaçou deixar o time e exigiu que o técnico se desculpasse. O caso foi parar na diretoria.

— No Botafogo, sempre fui considerado mau-caráter e agora êles me querem de volta porque sentiram que eu era apenas o jogador que defendia meus companheiros nas horas dos truques armados pelos dirigentes. Sempre entrei nessas paradas, mas nunca aceitei ser capitão do time.

Gérson sente que tem liderança sôbre seus companheiros, mas sabe que nunca seria um bom capitão. As duas figuras nem sempre se confundem. O capitão precisa ter calma e personalidade para argumentar com o juiz e ser ouvido. O líder apenas comanda, inspira confiança e acaba se transformando em guia. Mas êle pode até ser malcriado. Como Gérson.

PLACAR
CBD
F.I.F.A.
WORLD CHAMPIONSHIP
JULES RIMET CUP
O SONHO DE PELÉ,
A TORCIDA DO BRASÍL

ENQUANTO SEU CABELO CRESCIA, ÊLE SE TRANSFORMAVA NO MELHOR JOGADOR DA INGLATERRA. HOJE GEORGE BEST É TUDO.

GEORGE BEST, O DEUS

Reportagem de Oriel Pereira do Vale
Correspondente em Londres

Dribla como Garrincha, faz gols como Tostão, tem a genialidade de Pelé, chuta com a precisão de Edu. Se quisesse seria o melhor jogador do mundo, mas está muito feliz e satisfeito em ser o melhor jogador da Inglaterra.

George Best, ponta-esquerda de 23 anos, belo como um artista de cinema e excêntrico como um milionário, é tudo o que êle quer ou tem vontade de ser. É deus quando passa velozmente pelas ruas pilotando seu carro último tipo; é diabo quando está em campo correndo ou driblando; é charmoso quando está posando com roupas da moda para as principais lojas de Londres.

George Best é tudo o que êle quer ser porque quase ninguém na Inglaterra tem coragem ou ousadia para contradizê-lo.

George Best, o melhor jogador da Inglaterra.

— Se eu tivesse nascido feio vocês não ouviriam falar de Pelé. Dou-me muito bem com as garôtas, gosto de divertir-me, de tirar prazer do dinheiro que ganho e por isso não me dedico inteiramente ao futebol. Eu não serei um monge do futebol apesar de treinar com vontade e jogar com mais vontade ainda. Sinto que posso fazer o que quiser com a bola, não importa o adversário. Por isso poderia ser melhor do que Pelé, se quisesse.

George Best, o melhor jogador do mundo.

São poucos os que têm a valentia do cronista Geoffrey Green — "Êle faz lembrar Garrincha apesar de não ter seu nível técnico" —, pois a maioria pensa como a manchete do jornal **The Times** — "Best é um gênio" — ou como a definição do **Sunday Time** — "Êle tem gêlo nas veias, fogo no coração e muita precisão e equilíbrio nos pés".

George Best está esgotando a imaginação da imprensa européia, que a cada nôvo jôgo se desespera à procura de um adjetivo ainda não usado para qualificá-lo.

Após cumprir suspensão de 28 dias, Best retornou no jôgo Manchester United 6, Northampton 0, pela Copa da Inglaterra. Best fêz os seis gols. O sóbrio **The Times** escreveu:

"Best deve ser considerado, indiscutivelmente um fenômeno do cenário futebolístico. Em seis anos êle se transformou num culto da juventude — um nôvo herói folclórico, um James Dean revivido, um herói com uma causa: servir a seu clube, a seu país, e inclusive provar a si mesmo, um dia, que é o melhor jogador de tôda a história do futebol."

Bobby Charlton está velho, foi dispensado da Seleção Inglêsa. Best ficou revoltado.

"Pelé é feio: sou bonito e posso ser melhor que êle"

George Best, o melhor jogador do mundo.

Best, em inglês, quer dizer "o melhor". Best, para a torcida do Manchester United, para a maioria das garôtas, para seus amigos, é simplesmente George, o Jorginho. Êle pode ser encontrado diàriamente nas páginas dos jornais (é grande fonte de venda), nas televisões (a BBC-2, na segunda semana de fevereiro, apresentou um documentário colorido de sua vida) ou nas principais boates e nos melhores restaurantes de Londres (quando não está concentrado nem treina na manhã seguinte).

George Best pode ser encontrado também na ponta-esquerda da seleção ideal da Inglaterra? Não. Êle nasceu em Belfast, na Irlanda do Norte, e sòmente pode jogar pela Seleção de seu país (a Irlanda do Norte, apesar de integrar o Reino Unido juntamente com a Inglaterra, disputa a Copa do Mundo separadamente, como a Escócia e o País de Gales).

ALTO, MAGRO, FAMOSO E MUITO RICO

George Best na ponta-esquerda da Inglaterra seria a solução de todos os problemas de Alf Ramsey, porque os únicos problemas do técnico inglês estão no ataque da Seleção. E, como George Best já superou os atacantes mais importantes da história inglêsa (Tom Finney, Stanley Mathews), é justificada a frustração da torcida, que êle só pode aliviar com esta frase:

— Pela primeira vez em minha vida eu desejaria realmente ser inglês pelo menos durante um mês.

Mas êle mesmo reconhece que iria defender uma seleção fraca.

— A Seleção Inglêsa atual nunca jogou a meu gôsto, pois seu futebol contraria tudo aquilo de que gosto. Acho-o demasiadamente frio e analítico. Sabem por que a Inglaterra ganhou o Mundial de 66? Porque tinha a melhor defesa do mundo, com jogadores preparados para correr o tempo todo sem parar, ajudados por uma torcida excepcional. Mas, desta vez, defesa não ganha Copa. Quem vai ganhar são jogadores como Pelé ou Riva. Jogadores dêsse tipo nós não temos na nossa Seleção. Daí a conclusão: Brasil e Itália são favoritos, seguidos por Alemanha, União Soviética, Uruguai e México. A Inglaterra tem jogadores demais na defesa e jogadores de menos no ataque.

George Best, o melhor jogador da Inglaterra.

Tem 1 metro e 80 de altura; pouco mais de 65 quilos (êle é bem magro); olhos azuis, cabelos escuros e exageradamente compridos; longas costeletas; correntinha de ouro com duas medalhas (é protestante) no pescoço; dois anéis ligados por uma correntinha (a última moda) nos dedos da mão direita; pequeno anel de pedra clara no dedo mínimo da mão esquerda; dentes perfeitos, revelados a cada instante pelo permanente sorriso; e uma covinha no queixo.

E, quem sabe, talvez se torne também artista de cinema. Apesar de ter recusado convite para o filme **Virgin Soldiers** (teria que ficar seis meses em Singapura) é muito provável que aceite fazer um filme sôbre futebol, depois do Campeonato Inglês. A experiência como modêlo vai influir muito. E como modêlo George Best vale e cobra 15 000 libras (mais de NCr$ 150 000,00) por um ano.

Êle diz que não é rico. Mas é. No comêço dêste ano recebeu as chaves da luxuosa mansão que mandou construir nos subúrbios de Manchester, pela qual pagou 30 000 libras (300 000 cruzeiros novos). E, nos últimos meses, êle trocou de automóveis com tanta freqüência que o **Daily Mail** comentou:

"George Best, o astro que gosta muito de champanha, parece trocar de carros tão depressa quanto de namoradas. No ano passado êle tinha um Jaguar tipo E, e uma Lotus Europa esporte. No mês passado recebeu um Iso Rivolta esporte, que custou 70 milhões e que ultrapassa os 270 quilômetros por hora. Êste mês já quer vendê-lo e afirma que a Alfa Romeo ofereceu-lhe um carro de presente".

Êle é mesmo excêntrico. Certa vez, tomou um avião em Palma de Maiorca, onde passava férias, apenas para cortar cabelo com seu barbeiro em Manchester (só de passagem gastou 50 libras, 500 novos). Também 50 libras foram gastas para um telefonema internacional a uma namoradinha. O povo diz ainda, com ar de segrêdo, que Best gasta na primeira hora de uma de suas noitadas mais do que a média dos jogadores inglêses ganha numa semana. Paga sapatos a preços que normalmente dariam para comprar ternos de luxo; e manda fazer ternos de 600 cruzeiros novos como quem compra jornal.

George Best, o melhor jogador do mundo.

Sua imagem é explorada pelos colunistas sociais como se fôsse um influente diplomata. Quando rompeu o noivado com a modêlo dinamarquesa Eva Haraldsted, foi procurado por todos os jornais. Explicou: conheceu Eva em Copenhague, enquanto dava autógrafos no hotel. Depois de alguns dias de namôro, convenceu-a a abandonar o noivo, a família e Copenhague, para viver com êle em Manchester. Mas como "não é do tipo que casa", Best resolveu acabar o noivado impôsto por Eva. A conseqüência foi um complicado processo judicial iniciado por ela, por "quebra de compromisso".

PEQUENO, MAGRO, SEM FAMA E POBRE

Mas êle não liga para isso porque gosta de aventuras, de ser notícia. Hoje George Best não é o menino pobre do bairro mais pobre de Belfast, que jogava bola pelas ruas o dia inteiro. Sua mãe, ex-jogadora de hóquei, ainda se lembra: George Best já chutava bola com menos de dez meses e enquanto crescia foi aperfeiçoando seu futebol.

Quem primeiro descobriu êsse futebol foi Matt Busby, diretor do Manchester United, quando Best tinha quinze anos. Aos dezessete já estava no time titular, precisamente a 14 de setembro de 1963, data de sua estréia. Dêsse dia em diante começou uma série interminável de gols, namoros e excentricidades. Arrasou o Benfica em 68, marcando um gol de placa em Wembley e dando a Copa da Europa para o Manchester. Nesse dia, êle driblou tôda a defesa do Benfica. Num jôgo do campeonato, driblou um zagueiro até derrubá-lo e depois parou e começou a fazer caretas. A torcida levantou-se e riu sem parar. A torcida estava aplaudindo George Best, o melhor jogador da Inglaterra.

Excede.
Mesmo que passe a hora da troca, Shell Super
garante o motor.
O único óleo que faz você não se preocupar com óleo é Shell Super.
Você pode esquecer a hora da troca.
Shell Super continua garantindo o bom funcionamento do motor.
Shell Super excede as especificações do fabricante do seu
carro para os óleos comuns.
Mantém sua viscosidade por muito mais tempo.
Tranqüilize seu carro. Olhe o mundo. Aproveite a vida.
Com Shell Super no motor.
SHELL
super
MOTOR OIL
100

PLACAR VAI ENSINAR VOCÊ A GANHAR UM MILHÃO DE CRUZEIROS NOVOS

CHEGOU O BOLÃO

Nome
Residência
LOTERIAS
GB
CONCURSO
Nº 7 - 1970
INSC. 10.020
Não amasse
Não rasgue
Não dobre

O cupom da Loteria que começa dia 7 de junho deverá ser como êste, usado nas experiências.

Você está começando a ganhar 1 milhão de cruzeiros novos. Examine bem o formulário do Bolão (Loteria Esportiva criada pelo govêrno federal) que estará nas ruas a partir do dia 7 de junho (inicialmente será lançada em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte): há treze jogos indicados (Copa do Mundo, campeonatos regionais, estrangeiros, amistosos, etc.) com quadrinhos ao lado, onde serão marcados seus palpites (vitória, empate ou derrota). Preste muita atenção nos times que estarão na lista e nos locais dos jogos; isso influi fundamentalmente no resultado. Para ganhar é necessário acertar os treze jogos. Mas se ninguém conseguir acertar todos os jogos, ganhará o que acertar mais, sempre acima de oito (se o máximo acertado tiver sido oito, o prêmio fica acumulado para a semana seguinte).

Nós esperamos que você ganhe sòzinho. Jogue com entusiasmo e lembre-se de que se outros apostadores fizerem o mesmo número de pontos, o prêmio será dividido entre todos os que acertarem.

Como ficar milionário sem gastar quase nada

Quem vai vencer: Brasil ou Inglaterra? Ao lado da relação dos jogos do formulário há três colunas de quadrinhos (1, X e 2). Assinalando uma "cruzinha" embaixó da coluna 1, você estará colocando vitória do Brasil, pois a coluna se refere ao time citado em primeiro lugar. Assinalando embaixo da coluna X, estará colocando empate; e, embaixo da coluna 2, vitória da Inglaterra.

A aposta mínima do Bolão é de NCr$ 2,00 (dois mil cruzeiros velhos); além dos treze palpites, você ainda pode — no mesmo cupom e sem gastar mais — dar um palpite duplo. Isto é, num mesmo jôgo — por exemplo, Vasco e Colo-Colo — você pode marcar: 1) vitória do Colo-Colo e empate (você só perderia se o Colo-Colo perdesse); ou 2) vitória e derrota do Colo-Colo (perderia se houvesse empate); ou 3) empate e derrota do Colo-Colo (perderia se o Colo-Colo ganhasse).

Mas você pode também fazer quantas combinações quiser (além da aposta mínima com treze palpites simples e um duplo), lembrando apenas que, para cada combinação adicional, você pagará mais. Por exemplo: se você tivesse marcado vitória e empate no jôgo Suécia e Israel; e marcado vitória, empate e derrota no jôgo Brasil e Inglaterra, você deveria pagar NCr$ 2,00 pelo primeiro palpite, multiplicado por três (os três palpites do jôgo do Brasil). No total, você pagaria NCr$ 6,00.

E a cada combinação que você fizer, suas chances vão aumentando. Se preenchesse os três quadrinhos em todos os jogos, você cobriria tôdas as hipóteses possíveis. Isto é, você estaria combinando todos os resultados de cada jôgo com as três alternativas (vitória, empate e derrota) dos doze jogos restantes. Assim, você chegaria ao limite máximo das combinações e não perderia de jeito nenhum, pois "cercou" todos os resultados possíveis de cada jôgo.

Mas há um problema: preenchendo tôdas as hipóteses você teria de pagar NCr$ 1 549 323,00, e isto seria muito mais do que o prêmio. Pensar em fazer o Bolão assim é pràticamente impossível. Mas você pode preencher dois ou três quadrinhos em alguns jogos, dando vitória e empate de seu time preferido, ou marcando tôdas as possibilidades de resultado num jôgo que achar muito difícil. Dêsse jeito você gastará mais (lembre-se de que passando de treze palpites simples e um duplo você tem que pagar NCr$ 1,00 para cada combinação de apostas).

Pronto, o formulário está preenchido. É 1 milhão de cruzeiros novos que você poderá receber a partir de segunda-feira. Entregue o formulário ao agente ou pôsto da Caixa Econômica Federal. Seus palpites serão passados para um cartão numerado que será perfurado e recolhido junto com todos os outros a um computador IBM. O vencedor do Bolão será apontado pelo computador já no domingo à noite (o cálculo para a apuração, segundo experiência, é de 17 minutos). Não há perigo de extravio ou êrro, porque o cartão será perfurado pelo agente em sua presença: uma cópia será recolhida ao computador, e outra permanecerá com você. Será fácil confirmar que você ganhou: a Caixa Econômica divulgará o resultado pela imprensa, pelo rádio e pela televisão, com todos os detalhes (número do cartão vencedor, quantas pessoas ganharam e de quanto foi o prêmio).

Se um jôgo fôr adiado, o resultado será decidido por um sorteio feito no próprio domingo pela Caixa Econômica, através de uma urna com três bolinhas (1, X e 2).

O esquema do Bolão está bem planejado, há sempre uma solução para tôdas as alternativas e é tudo muito simples. Por exemplo: o prêmio será sempre 45% do total arrecadado a ser pago ao vencedor ou vencedores, livre do impôsto de renda. Calcula-se que jogarão cêrca de 1 milhão de pessoas semanalmente, preenchendo em média mais um resultado além dos treze normais. Assim, seriam arrecadados NCr$ 2 000 000,00 e o prêmio mínimo (45%) seria de NCr$ 900 000,00. Mas o prêmio subirá na proporção em que aumentarem as apostas. O cálculo foi feito com base em estudo das loterias esportivas de Portugal, Itália, Bélgica, Inglaterra e outros países da Europa.

O importante no Bolão é que êle o fará milionário em 1 170 minutos de futebol (treze jogos). Mesmo que você não seja um especialista no assunto, pode ficar descansado: se todos os resultados do Bolão fôssem lógicos, certamente haveria milhares de vencedores tôda semana. Não é preciso mais nada, pois **Placar** contará semanalmente a você tudo sôbre o Bolão.

Jogo			1	X	2	Prognósticos Duplos	Prognósticos Triplos
1 - Brasil	x Peru	1		X		—	—
2 - Alemanha	x Inglaterra	2			X	—	—
3 - URSS	x Uruguai	3		X	X	1	—
4 - Itália	x Bélgica	4	X			—	—
5 - Vasco	x Univ. do Chile	5		X		—	—
6 - Colo-Colo	x Fluminense	6	X	X		1	—
7 - Flamengo	x Curitiba	7	X			—	—
8 - Coríntians	x São Paulo	8			X	—	—
9 - Palmeiras	x Portuguêsa	9		X		—	—
10 - St. Etiénne	x Mônaco	10	X		X	1	—
11 - Velez Sarsfield	x Racing	11	X	X	X	—	1
12 - Estudiantes	x Independientes	12			X	—	—
13 - Boca Juniors	x Gimnasia y Esgrima	13		X		—	—
					TOTAL APOSTAS	24	
					PREÇO A PAGAR	NCr$ 24,00	

SAIBA CALCULAR SEU JÔGO

É um formulário parecido com êste (foi usado na segunda experiência com o público) que você receberá para fazer suas apostas. No formulário, acima, além do jôgo normal (treze resultados simples e um duplo) ainda estão marcados dois jogos duplos e um triplo. O cálculo do total a pagar é feito assim: NCr$ 2,00 da aposta normal multiplicados por NCr$ 4,00 (valor dos jogos duplos, pois cada um custa NCr$ 2,00); dá NCr$ 8,00. Êsses NCr$ 8,00 são multiplicados por NCr$ 3,00 (o valor de cada jôgo triplo), o que dá o total de apostas que você tem de pagar: NCr$ 24,00. A Loteria Federal ainda fará duas experiências com o público. A primeira será no Rio de Janeiro, dia 19 de abril; e a segunda em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, no mês de maio

tabelão

Aqui você encontra os principais resultados esportivos da semana. O Santos é o líder da Taça São Paulo, Picolé é o artilheiro; na Taça Guanabara, o Fluminense venceu o Vasco e ficou sòzinho em 1.º; em Portugal, o Sporting é quase campeão; Luís Pereira Bueno venceu em Interlagos.

futebol

SELEÇÃO

Seleção Brasileira 1 x Bangu 1
Local: Estádio Proletário, Rio de Janeiro — 14/mar.
Juiz: Armando Marques.
Entrada permitida sòmente à imprensa e a funcionários da Fábrica Bangu.
Gols: Paulo Mata 24' do 1.º e Morais (contra) 26' do 2.º
Seleção: Ado; Carlos Alberto (Zé Maria), Brito, Joel e Marco Antônio; Clodoaldo (Zé Carlos) e Rivelino; Jairzinho, Dirceu Lopes (Edu), Pelé e Paulo César.
Bangu: Roni (Devito); Cabrita (Bicas), Sérgio, Luís Alberto (Morais) e Bauer; Didinho (Da Guia) e Cidclei (Vanderlei); Mário (Gijo), Paulo Mata (Édson), Jorge Félix (Lin) e Aladim (Zé Carlos).

TAÇA SÃO PAULO

2.ª rodada — 11 a 15/mar.
Palmeiras 0 x Santos 1
São Paulo 1 x Portuguêsa 1
Classificação
(Pontos ganhos)
1.º Santos 0
2.º Corintians 1
3.º Palmeiras e São Paulo 2
4.º Portuguêsa 3

TAÇA GUANABARA

2.ª rodada — 11 a 15/mar.
Bangu 2 x Campo Grande 0
São Cristóvão 0 x Flamengo 4
América 1 x Portuguêsa 1
Botafogo 1 x Bonsucesso 0
Olaria 1 x Madureira 0
Fluminense 2 x Vasco 1.
Classificação
(Pontos perdidos)
1.º Fluminense 0
2.º Portuguêsa, América, Botafogo e Flamengo 1
3.º Bangu, Olaria e Vasco 2
4.º Bonsucesso, Campo Grande e Madureira 3
5.º São Cristóvão 4.

SÃO PAULO

Campeonato Estadual
12.ª rodada — 11 a 15/mar.
Ferroviária 5 x Ponte Preta 0
Guarani 1 x Juventus 0
Comercial 1 x São Bento 1
Santista 6 x São Bento 1
Ferroviária 2 x Comercial 1
Botafogo 1 x Juventus 0
Guarani 3 x XV de Piracicaba 2
Paulista 3 x América 0
Classificação
(Pontos perdidos)
1.º Ferroviária 15
2.º Botafogo 14
3.º Guarani 12
4.º Paulista 11
5.º XV de Piracicaba e Santista 9
6.º Ponte Preta 8
7.º Comercial, Juventus e São Bento 7
8.º América 5

MINAS

Campeonato Estadual
3.ª rodada — 15/mar.
Uberlândia 1 x Nacional 0
Araxá 1 x Fluminense 3
Paraense 1 x Caldense 2
Acesita 0 x Tupinambás 2
Tupi 2 x Democrata 1
Valério 6 x Sport 2
Vila do Carmo 1 x Nacional 0
Sete 1 x Flamengo 3
Casimiro 2 x Formiga 1
Democrata 0 x Atlético 0
Atletic 0 x Olimpic 2
Classificação
(Pontos perdidos)
Chave A
1.º Uberlândia e Fluminense 2
2.º Uberaba e Araguari 3
3.º Araxá 4
4.º Nacional e Paraense 5
5.º Caldense 6
Chave B
1.º Valério 1
2.º Tupi 2
3.º Sport, Tupinambás e Vila do Carmo 3
4.º Democrata 4
5.º Acesita e Nacional 5
Chave C
1.º Atlético e Democrata 1
2.º Olimpic e Flamengo 2
3.º Casimiro de Abreu 3
4.º Formiga 4
5.º Atletic 5
6.º Sete de Setembro 6.

R.G. DO SUL

Campeonato Estadual
4.ª rodada — 15/mar.
Grêmio 0 x Juventude 1
Flamengo 2 x Gaúcho 1
14 de Julho 1 x Ipiranga 1
Internacional de Santa Maria 2 x Esportivo 0
Pelotas 3 x Aimoré 1
Guarani 1 x Santa Cruz 1
Nôvo Hamburgo 2 x Cruzeiro 1.
Classificação
(Pontos perdidos)
Chave Centro
1.º Grêmio, Ipiranga e Flamengo 2
2.º 14 de Julho e Juventude 3
3.º Internacional de Santa Maria e Barroso 4
4.º Gaúcho 6.
Chave Sul
1.º Internacional 0
2.º Pelotas e Nôvo Hamburgo 2
3.º Brasil 4
4.º Aimoré, Cruzeiro, Guarani e Santa Cruz 5.

PARANÁ

Campeonato Estadual
7.ª rodada — 15/mar.
Agua Verde 3 x Atlético 3
Coritiba 3 x Operário 1
Apucarana 3 x Ferroviário 1
Grêmio Oeste 2 x Londrina 1
Paranavaí 3 x Cianorte 0
Maringá 1 x Seleto 1
Bandeirantes 2 x Jandaia 1
Classificação
(Pontos perdidos)
Chave A
1.º Grêmio 2
2.º Coritiba 4
3.º União Bandeirante 6
4.º Apucarana 7
5.º Jandaia 8
6.º Londrina 9
7.º Agua Verde 11
Chave B
1.º Seleto e Paranavaí 5
2.º Maringá 6
3.º Ferroviário 7
4.º Operário e Atlético 8
5.º Cianorte 12

PERNAMBUCO

Campeonato Estadual
1.ª rodada — 15/mar.
Náutico 1 x Santo Amaro 0
Ibis 1 x Santa Cruz 5
Central 0 x América 1
Sport 4 x Ferroviário 0
Classificação
(Pontos perdidos)
1.º Náutico, Santa Cruz, América e Sport 0
2.º Ibis, Central, Santo Amaro e Ferroviário 2.

BAHIA

Campeonato Estadual
8.ª rodada — 15/mar.
Bahia 3 x Fluminense 0
Feira 1 x Monte Líbano 0
Ideal 1 x Jequié 3
Itabuna 1 x Redenção 1
Conquista 1 x Galícia 0
Classificação
(Pontos perdidos)
1.º Jequié e Bahia 2
2.º Conquista 3
3.º Fluminense e Ilhéus 4
4.º Galícia, Ipiranga e Vitória 5
5.º Leônico e Redenção 6
6.º Itabuna e Feira 7
7.º Monte Líbano 8
8.º São Cristóvão 9
9.º Ideal 11
10.º Botafogo 12.

AMISTOSOS/BRASIL

14/mar.
Grêmio (Pôrto Alegre) 0 x Nacional (Uruguai) 0
Torneio quadrangular: Inauguração do estádio de São José dos Campos (SP)
15/mar.
Local: São José dos Campos
Atlético Mineiro 1 x Internacional (Pôrto Alegre) 0
Palmeiras 2 x Corintians 2
NOTA: Palmeiras e Corintians, que terminaram empatados, disputaram em pênaltis: o Corintians ganhou de 2 a 1.

AMISTOSO/COPA

15/mar.
Local: Cidade do México
México 3 x Peru 1.

ITÁLIA

1.ª Divisão
24.ª rodada — 15/mar.
Bari 1 x Fiorentina 1
Bolonha 0 x Brescia 3
Napoli 1 x Milan 1
Juventus 2 x Cagliari 2
Inter 0 x Lanerossi 0
Lazio 4 x Palermo 0
Sampdoria 2 x Roma 0
Torino 1 x Verona 0
Classificação
(Pontos ganhos)
1.º Cagliari 35
2.º Juventus 33
3.º Inter 31
4.º Milan 30
5.º Florença 29
6.º Napoli e Torino 26
7.º Roma e Lanerossi 23
8.º Bolonha e Verona 21
9.º Lazio 20
10.º Sampdoria 18
11.º Palermo, Bari e Brescia 16

PORTUGAL

1.ª Divisão
22.ª rodada — 15/mar.
Benfica 2 x Setúbal 1
Sporting 2 x Belenenses 1
Pôrto 1 x Barreirense 1
Varzim 2 x Tomar 0
Guimarães 2 x Braga 0
Acadêmica 4 x Boa Vista 1
CUF 1 x Leixões 0
Classificação
(Pontos ganhos)
1.º Sporting 38
2.º Setúbal e Benfica 30
3.º Varzim 27
4.º Barreirense e Guimarães 23
5.º Belenenses 21
6.º Pôrto e Acadêmica 20
7.º CUF 20
8.º Leixões 18
9.º Braga e Boa Vista 13
10.º Tomar 12.

ESPANHA

1.ª Divisão
25.ª rodada — 15/mar.
Atlético de Madri 3 x Real Madri 0
Valencia 2 x Elche 0
Real Sociedade 2 x Atlético de Bilbao 0
Pontevedra 4 x Sabadell 1
Sevilha 2 x Coruña 0
Granada 0 x Las Palmas 0
Mallorca 1 x Zaragoza 1.
Classificação
(Pontos ganhos)
1.º Atlético de Bilbao 35
2.º Atlético de Madri 34
3.º Real Madri, Real Sociedade, Valencia e Sevilha 29
4.º Zaragoza 28
5.º Barcelona 27
6.º Sabadell 24
7.º Celta 22
8.º Las Palmas 20
9.º Coruña 19
10.º Mallorca 15
11.º Pontevedra 11.

automobilismo

Festival de velocidade

Interlagos — 15/mar.
Renda: NCr$ 65 465,00
Público pagante: 6 478 pessoas
Promoção — ACESP/Avallone Empreendimentos
Categoria Estreantes
1.º Nilson Clemente — Opala 8 voltas no circuito em 32m54s e 5/10, média horária de 123,84 km/hora. Melhor volta (Nilson Clemente) em 4m03s
2.º Rafael de Lorenzo — VW 1600
3.º Andrés Martinez — VW 1600
4.º Johnny Christian — VW 1600
5.º Rodolfo de Freitas — Puma
Prova de Motociclismo
1.º Luís Celso Giannini, 8 voltas em 30m33s1/10, média horária de 125,64 km/hora, com Yamaha 250 TD-1
2.º Gualtiero Tognochi — Yamaha 250 TD-2
3.º Antônio Carlos Aguiar — Honda 250
4.º José Henrique Vetori — Ducatti 250
5.º Carlos Lucia — Ducatti 250
Nôvo recorde (não homologado): 3m44s2/10, de Paulo Tognochi com Yamaha TD-2
Categoria Monopostos
1.ª Bateria
1.º Luís Pereira Bueno — Merlyn (Fórmula Ford)
8 voltas pelo circuito, em 26m46s6/10 com média horária de 142,92 km/hora
2.º Salvatore Amato — Macon (Fórmula Ford)
3.º Sérgio Magalhães — Merlyn (Fórmula Ford)
4.º Luís Cardassi — Rio V8 1200 (Fórmula Brasil)
Melhor volta: Luís Pereira Bueno em 3m16s1/10
2.ª Bateria
1.º Luís Pereira Bueno, em 27m3s5/10, média horária de 141,48 km/hora — Merlyn (Fórmula Ford)
2.º Salvatore Amato — Macon (Fórmula Ford)
3.º Luís Cardassi — Rio V8 1200 (Fórmula Brasil)
4.º Manuel Ferreira — Fórmula V8 1200
5.º Otto Willy Jordan — Fórmula Brasil 1600
Resultado final das duas baterias por categoria
Fórmula Ford
1.º Luís Pereira Bueno — Merlyn — 20 pontos
2.º Salvatore Amato — Macon — 18 pontos
3.º Sérgio Magalhães — Merlyn — 9 pontos
Fórmula Brasil até 1 200 cilindradas
1.º Luís Cardassi — Rio V8 — 15 pontos
2.º Nelson Bastos — BRV — 12 pontos
3.º Manuel Ferreira — FV — 11 pontos
4.º Antônio Santos — FBi-V8 — 10 pontos
5.º Élcio Nithack — BRV — 8 pontos
Categoria Turismo e Protótipos
1.ª Bateria
1.º Luís Pereira Bueno, 8 voltas pelo circuito de Interlagos, com Bino Mark II, em 28m12s4/10, média horária de 135,72 km/hora
2.º Toninho da Matta — Opala
3.º Camilo Cristófaro — "carretera" Chevrolet Corvette
4.º Eduardo Celidônio — Protótipo "Snob's" Corvair
5.º Abílio Diniz — Alfa GTA
Melhor Volta: Luís Pereira Bueno em 3m28s4/10
2.ª Bateria
1.º Luís Pereira Bueno — Bino Mark II
2.º Camilo Cristófaro — "carretera" Chevrolet Corvette
3.º Toninho da Matta — Opala
4.º Eduardo Celidônio — Protótipo "Snob's" Corvair
5.º Maurício Paes de Barros — Protótipo Fittipaldi VW 1600
Resultado final
1.º Luís Pereira Bueno — 20 pontos
2.º Toninho da Matta — 17 pontos
3.º Camilo Cristófaro — 17 pontos
4.º Eduardo Celidônio — 14 pontos
5.º Abílio Diniz — 11 pontos

JOÃO HENRIQUE É O MELHOR DO MUNDO

CEM MIL DÓLARES PELO CAMPEÃO

Reportagem de José P. Godoy
Fotos de Manoel Motta e Chico Nelson

Roy beijou a lona pela primeira vez, e para o resto da vida a cicatriz em seu rosto contará a história de sua queda.

O norte-americano Bill Prezant, técnico do lutador Roy Willians, não foi feliz em sua passagem pelo Brasil: pela primeira vez em sua vida, Roy perdeu por nocaute e, apesar de Prezant se desmanchar em amabilidades e sorrisos, êle não conseguiu fechar "o melhor negócio de sua vida".

Prezant estava disposto a pagar 100 000 dólares — NCr$ 470 000,00 — à Bel-Box pelo contrato de João Henrique, proposta que um dos sócios da emprêsa, Oscar Pedroso Horta Filho, recusou justamente pelas afirmativas do norte-americano:

— João Henrique é o melhor meio-médio ligeiro que já vi.

Pedroso Horta acha a mesma coisa e, enquanto dizia sempre não a Prezant, concordava que a quantia oferecida é digna "de um grande campeão". Vai mais longe: na forma atual, João Henrique massacra o campeão mundial — o argentino Nicolino Loche — e o segundo do ranking, o norte-americano Adolph Pruitt, cujo lugar João deve tomar.

ROY FICOU COM MÊDO QUANDO VIU A FERA

Calmo, frio, uma fera pronta a dar o bote — eis João Henrique. Quando Roy Willians sentiu o adversário que tinha pela frente, ficou nervoso. Já no segundo assalto, seus gestos revelavam descontrôle. João conseguiu amedrontar o norte-americano dentro de sua melhor característica:

— Tranqüilidade dentro e fora do ringue, bem de acôrdo com seu gênio sossegado — na explicação de seu técnico, Valdemar Zumbano.

Eder Jofre está na mesma linha ao definir João Henrique como "um dos poucos lutadores serenos dentro do boxe brasileiro". A vitória de João foi fácil, muito mais do que êle pensava.

O que aconteceu: numa troca de socos, Roy Willians foi às cordas e pretendeu aproveitar o impulso para dar um golpe mais forte no adversário. Mas, quando voltava, recebeu um cruzado de direita de João, bem em cima do supercílio esquerdo. Caiu como se tivesse levado uma paulada.

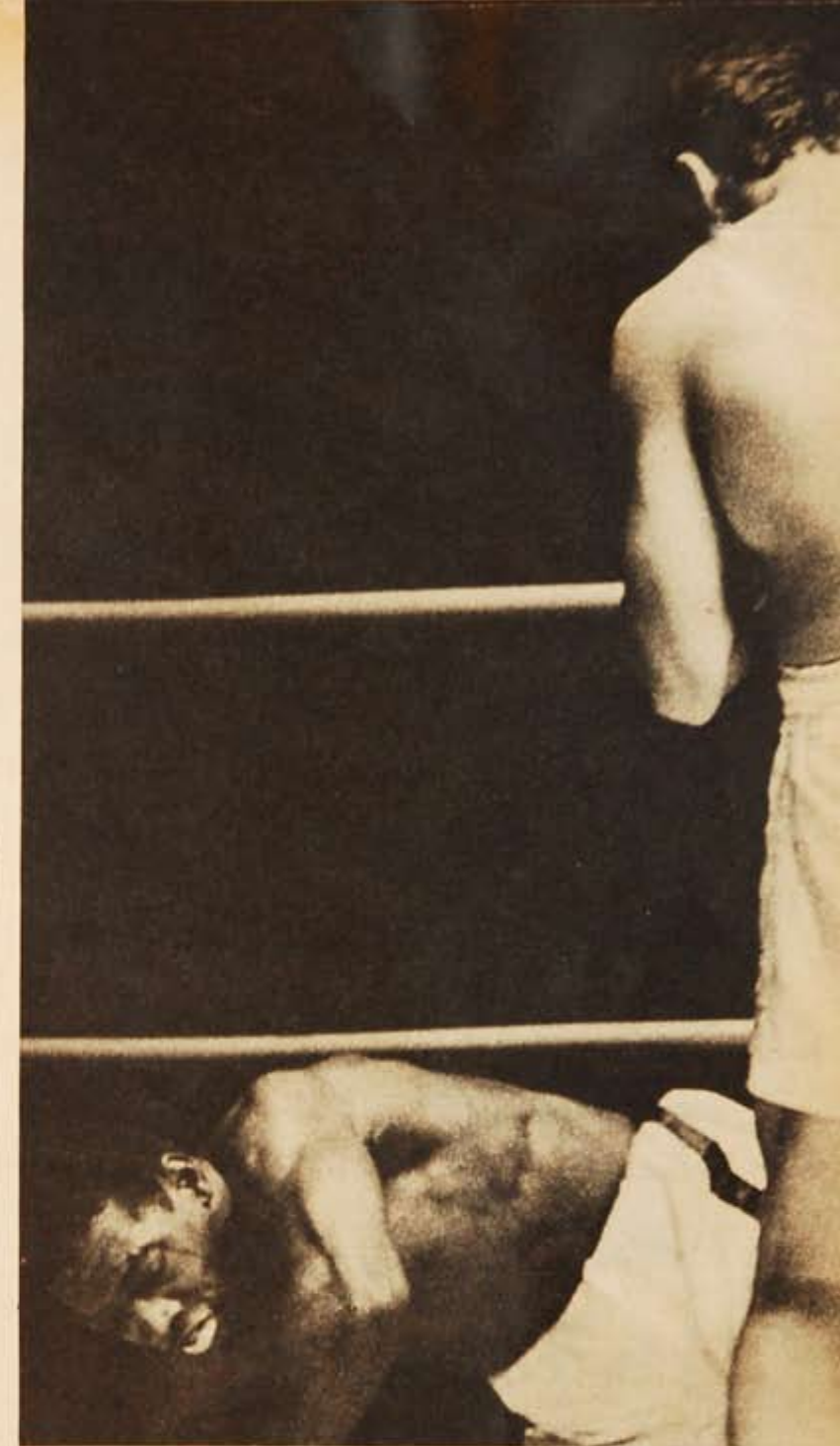
A vitória abre pela segunda vez o caminho do título mundial. João quer disputá-lo já. Valdemar Zumbano acha que ainda é cedo. Antes, êle prefere que João lute duas ou três vêzes em São Paulo.

Lutas duras, contra integrantes do ranking da Associação Mundial de Boxe: Turk Kamaci, austríaco, Jimmy Robertson, Eddie Garcia, Larry Harding, Rodolfo Gonzalez e Adolph Pruitt, norte-americanos, Germann Gastlebondo, colombiano, ou Enrique Jana e Horacio Saldano, argentinos. Justamente porque vê em João tôdas as condições para disputar o título, é que Valdemar Zumbano quer que tudo seja bem planejado.

JOÃO SABE QUE TEM DE NOCAUTEAR LOCHE

É possível que a luta pelo título mundial seja realizada no Madison Square Garden, em Nova York, contra Nicolino Loche. Mas pode acontecer que antes João Henrique lute no mesmo local contra Bruno Arcari, campeão mundial pelo Conselho Mundial de Boxe, e primeiro colocado no ranking da Associação Mundial de Boxe. O empresário Abraão Katznelson vai aos Estados Unidos para tratar do assunto.

João só pensa em Loche:

— Lutei contra êle. Perdi por pontos, mas aprendi suas manhas. Tenho certeza de que só o venço por nocaute. E acho muito difícil perder nova luta para êle.

O FLAMENGO NUNCA CORREU TANTO, GANHOU TANTO, LUTOU TANTO COMO NOS ÚLTIMOS MESES. O FLAMENGO GANHOU A FAMA DE TIME INVENCÍVEL, A GLÓRIA DE TIME QUASE PERFEITO E UM POUCO MAIS DA PAIXÃO DE SUA TORCIDA GIGANTE. E SEU FUTURO SERÁ O RETRATO DO FLAMENGO DE HOJE, PELO MENOS ENQUANTO O HOMÃO ESTIVER LÁ, BERRANDO VITÓRIA.

IUSTRICH E FLAMENGO, O DOPPING DO AMOR

Reportagem de Fausto Neto e J. da Silva
Fotos de Fernando Pimentel

Quando João Saldanha, revólver na mão, invadiu a concentração do Flamengo, o "Homão" — Dorival Knipell, Iustrich — estava dormindo tranqüilamente na **Village** São Pedro, seu sítio perto de Belo Horizonte.

Quando, na manhã seguinte, todo o Brasil falava na invasão, Iustrich conversava com **Tony Curtis:**

— Calma, **Tony,** pra que essa valentia? Tenho outra lata cheinha de milho para você.

Rock Hudson, outro porco de raça de Iustrich, está nervoso, não atende ao chamado de seu dono:

— O que há com êste animal? Êle está muito valente.

Enquanto volta da pocilga, às margens da lagoa onde às vêzes êle toma banho, o "Homão" confessa:

— Tenho duas faces. Por favor, não confundam duas faces com duas caras. Uma é a face que alguns, inadvertidamente, chamam de ditador; a outra face é a do homem que exige tudo para os jogadores — esta menos conhecida do que aquela.

Seus cães, **Rex, Tatá** e **Catimba,** embaraçam-se nas suas pernas. **Catimba** e **Rex** brigam por um gesto de carinho:

— Uma coisa posso dizer: não sou arbitrário. Gosto de trabalhar com método, com sistema, respeitando para ser respeitado. E detesto injustiçar alguém. Quando botei aquelas cordinhas no vestiário não foi para impedir o trabalho da imprensa: foi para proibir a entrada de ladrões, de artistas em busca de promoção, e até de homossexuais que queriam ver jogadores nus. Isso eu não admito.

Até hoje (têrça-feira), o Flamengo de Iustrich fêz onze jogos, ganhou oito, empatou três. Está invicto. Êle sorri, como que lembrando suas primeiras palavras ao entrar na sede nova, no morro da Viúva:

— Não sou milagroso, mas aguardem um grande Flamengo. Já vivi treze anos aqui, tempo suficiente para deitar raízes, fazer muitas amizades. Nunca disse nada a ninguém, mas minha volta é um velho sonho. Pretendo passar aqui os meus últimos três anos de futebol.

Outro dia, na Gávea, alguém falou outra vez do "milagre", enquanto o Flamengo suava embaixo de um sol de 36 graus à sombra. Iustrich, o corpo enorme dentro da enorme bermuda branca, olhava atentamente para o treino, quando percebeu que Fio evitou disputar uma bola dividida com o zagueiro Manicera. Seu grito parece estremecer o estádio:

— Que é isso, Fio? Não me dê vexames.

IUSTRICH, FEITIÇO OU MILAGRE?

Fio levanta as mãos, se desculpa, na jogada seguinte domina a bola e parte para cima de Manicera, dribla-o, chuta forte e marca um gol que arranca aplausos da torcida.

— Isso não é milagre, muito menos "bolinha". Na verdade, se você quer saber, dou "bolinha", sim. Muitas bolinhas, para todos êles. Todos os dias. Só que as minhas são aquelas pesadonas, com as quais treinamos todos os dias. Mas, sinceramente, não acredito em psicotrópicos: isso seria fatal para o futuro dos jogadores. O Flamengo está dopado sim. Dopado de garra, de motivação, de vontade de vencer. Essa "bolinha" funciona. Mas asseguro uma coisa: se a vitória só dependesse de tomar "bolinha", eu não vacilaria um instante em dá-la aos meus jogadores.

George Helal, 35 anos, rico comerciante, responsável pelo futebol do Flamengo, conta orgulhoso que o clube está investindo NCr$ 200 000,00 por mês, em luvas, ordenados e gratificação de jogadores, concentração, compra de material e assistência médica a funcionários do setor.

— O trabalho de Iustrich e os horizontes que agora se abrem para nosso time compensam as despesas.

Mas a verdade é que não há despesas: o Flamengo está fazendo investimento. Depois dos primeiros sucessos, a torcida voltou ao Maracanã, para prestigiar o clube. Só nos jogos do Torneio de Verão, com o Vasco, a Seleção da Romênia e o Independiente (Argentina), e na partida contra o Peñarol (Montevidéu), o clube arrecadou NCr$ 328 000,00.

Bolinha não ganha jôgo, mas se ganhasse Iustrich usaria.

Para o "Homão", não só o clube, mas a torcida também merece isso:

— Para mim, o torcedor é rei. Por isso não admito brincadeira em serviço. Sei que às vêzes sou um mal necessário, porque restrinjo as liberdades. Mas sempre viso à vitória e à melhoria de todos.

IUSTRICH, TÉCNICO OU DOMADOR?

— Iustrich tem atitudes próprias de um pai — diz Brito, que foi obrigado a cortar suas costeletas e aparar sua cabeleira.

A verdade, e a torcida tôda sabe, é que o nôvo Flamengo (Sídnei; Murilo, Washington, Tinho e Paulo Henrique; Liminha e Zanata; Doval (Ademir), Fio, Dionísio e Arílson) custou pouco. Só agora Iustrich está tentando contratar Normandes, Pedro Paulo e Caldeira, todos mineiros. E para reforçar o time.

Com refôrço, ou sem refôrço nenhum, o Flamengo hoje é um time disposto a massacrar o adversário, ganhar de 20, se possível. No fôsso do Maracanã, ou no banco da Gávea, há um homem que acredita nisso. E sua tática é simples. Êle mesmo revela: — Meu negócio é "cachorrada" e "arranca tôco". A bola é um pedaço de carne, meus jogadores estão onde ela estiver, defendendo cada centímetro de chão como quem defende a casa contra um invasor.

O CARTEL DE UM CAMPEÃO: FLAMENGO

Datas	Jogos	Locais	Artilheiros	Rendas
18.1	Fla 1 x 1 América (Minas)	B. Horizonte	Arilson	NCr$ 31 488,00
23.1	Fla 4 x 2 Rio Branco	Vitória	Liminha (2), Zanata e Dionisio	NCr$ 23 216,00
25.1	Fla 4 x 0 Ferroviária	Vitória	Fio, Nei, Arilson e Doval	NCr$ 34 927,00
1.2	Fla 4 x 0 Vila Nova (Minas)	Gávea	Martins (contra), Zanata, Nei e Fio	NCr$ 27 798,00
5.2	Fla 1 x 0 Tupi	Juiz de Fora	Bianchini	NCr$ 39 080,00
15.2	Fla 4 x 1 Romênia	Maracanã	Arilson (2), Doval e Dionisio	NCr$ 281 598,65
18.2	Fla 6 x 1 Independiente	Maracanã	Doval (2), Liminha, Dionisio (2) e Fio	NCr$ 219 777,25
22.2	Fla 2 x 0 Vasco	Maracanã	Arilson e Liminha	NCr$ 457 297,50
1.3	Fla 0 x 0 Peñarol	Maracanã	—	NCr$ 312 323,65
6.3	Fla 0 x 0 Botafogo	Maracanã	—	NCr$ 304 521,00
11.3	Fla 4 x 0 São Cristóvão	Maracanã	Zanata, Fio e Dionisio (2)	NCr$ 29 104,50

Renda total: NCr$ 1 761 131,00
Média por jôgo: NCr$ 160 102,86
Renda no Rio: NCr$ 1 323 023,90
Média por jôgo: NCr$ 264 604,78
Gols marcados: 30
Média por jôgo: 2,7
Gols sofridos: 5
Média por jôgo: 0,4
Flamengo e Vasco, no Maracanã, foi o jôgo de maior público, com 114 928 pagantes.

A HISTÓRIA DO GALO, E OUTRAS HISTÓRIAS

Três histórias de Dorival Knipell, 52 anos, 1,89 m, 128 quilos.

Dez jornalistas cariocas almoçavam com êle e não prestavam muita atenção na sua conversa sôbre briga de galo, até que o assunto "esquentou". E todos em silêncio ouviram a epopéia de um galinho branco, japonês, filho de "Carrasco":

— Fui desafiado para "cruzar" (brigar) meu galinho japonês com outro mais velho e mais pesado 500 gramas. Como se esperava, meu galinho começou em desvantagem, pois ainda não estava formado fisicamente e nem tinha pêso para brigar. Mesmo assim êle não fugiu à luta em nenhum momento, embora estivesse sendo massacrado. Meus amigos e parentes pediam para suspender a luta, mas achei que meu galinho nunca poderia perder: mandei a luta continuar até que êle caísse morto, com a cabeça estraçalhada por uma bicada. Enterrei-o no quintal e fiz uma inscrição na lápide: "Aqui jaz o filho de "Carrasco", que morreu para não fugir da luta".

2.ª história

Quando Iustrich, em Portugal, treinava o Futebol Clube do Pôrto, o "Homão" quase vira notícia internacional: o Pôrto acabara de ganhar o campeonato e êle, que sempre se preocupou com a torcida, fêz o time dar duas voltas olímpicas. Ernâni, zagueiro, não atendeu ao pedido do técnico e, por isso, tomou uns trancos, dentro do vestiário. Mas logo depois, para não brigar com o Exército Português e não criar até um caso diplomático, Iustrich voltou para o Brasil. Ernâni era sargento do Exército.

3.ª história

Há algum tempo o Atlético não ganhava do Cruzeiro. Dirceu Lopes fêz 1 a 0, mas o Galo ganhou com gols de Oldair e Dario. Foi um dia feliz para a grande torcida do Atlético. No vestiário, a festa era grande. Aí o "Homão" entrou e gritou:

— Seus safados, silêncio! Seus mal-agradecidos. Todo mundo de joelhos! Vamos rezar para Nossa Senhora Aparecida, agradecer a vitória.

Zèzinho Miguel, seu ajudante, desenrolou a santa de uma toalha, todos se ajoelharam, Iustrich recitou uma Ave-Maria e todos acompanharam.

Depois o "Homão" saiu, tranqüilamente, e a festa recomeçou.

TONINHO ESPERA TOSTÃO

Toninho sabe encontrar o caminho das rêdes. E demonstrou isso com um gol sensacional contra a Portuguêsa. Seus companheiros de time dizem que êle não tem problemas de adaptação, que logo voltará a justificar o apelido de Guerreiro da Vila, de seus tempos do Santos. Os dirigentes estão na mesma linha: Toninho é cobrão e tem jogado o que sabe.

O que falta a Toninho? Quase certamente um companheiro que o entenda, capaz de trocar passes curtos, de ajudá-lo no trabalho de área. Tostão parece ser o homem que os dirigentes do São Paulo buscam: o vice-presidente Henri Aidar vai esta semana a Belo Horizonte, para tentar comprar o passe do centroavante do Cruzeiro e da Seleção Brasileira.

A compra de Tostão é um velho sonho do São Paulo. Seus dirigentes já a anunciaram mais de uma vez. Agora se dizem dispostos a qualquer sacrifício para fechar o negócio. Henri Aidar promete que o São Paulo "passa do bilhão".

Domingo, no Morumbi: São Paulo e Portuguêsa. Em 90 minutos de futebol, Toninho deu apenas um chute a gol. É a volta de Toninho depois do corte e de sua sinusite se terem transformado em tema de acesos debates. Nessa volta, quem foi que ajudou Toninho a procurar o gol?

Carlos Alberto, Nenê e Lourival — os homens de meio-campo — não souberam lançá-lo: várias vêzes êle teve que voltar para buscar a bola, uma obrigação que não é sua. Gérson resolveria o problema de Toninho? Nas poucas partidas que jogaram juntos não ficou essa impressão. Agora, tal possibilidade fica para depois da Copa.

Toninho também não tem com quem tabelar: Babá está muito longe da agilidade mental de Pelé, recebe a bola e não sabe devolvê-la rápido. O zagueiro Marinho, da Portuguêsa, tem a mesma opinião:

— Êle não tem parceiro dentro da área. Dá e não recebe de volta.

O zagueiro Jurandir, do São Paulo, acha que Toninho estará entrosado dentro de seis meses. Mas Henri Aidar não quer esperar tanto tempo assim. Prova disso é que vai tentar comprar Tostão.

A bola pingou alta na área e Toninho deixou-a rolar peito abaixo. Antes que ela chegasse ao chão, êle virou forte, com o pé direito: alguns segundos entre a jogada (uma obra de arte) e o gol.

Um pilôto que não erra e sabe usar a cabeça.

LUISINHO, O BOM

Reportagem de Alceu Gama — Fotos de Lemyr Martins e J. Tavares

Na véspera de sua partida para a Europa, onde vai correr na Fórmula 5000 — semelhante em desempenho à Fórmula 1, do Campeonato Mundial de Pilotos —, Luís Pereira Bueno mostrou no Festival de Velocidade de Interlagos, São Paulo, que está em excelente forma. Dono de excepcional técnica, veterano aos 32 anos, Luisinho venceu duas das quatro provas de que participou. Primeiro, a de monopostos, em que levou à vitória seu Merlyn (Fórmula Ford), que liderou a competição de ponta a ponta. Depois, na categoria de turismo e protótipos: não se impressionou com a largada da carreteira de Camilo Cristófaro e do Opala do mineiro Toninho da Mata. Venceu aproveitando tôda a estabilidade e rapidez do seu Bino-Mark II na saída de curvas.

Rápido e combativo, Luisinho não comete erros quando corre e raramente quebra o automóvel. Na temporada de Fórmula Ford no Brasil, só o azar lhe impediu melhor classificação. Venceu a segunda prova no Rio e venceu a primeira bateria na prova de abertura do Torneio Internacional, mas o seu Merlyn quebrou a suspensão dianteira na segunda bateria, quando estava em segundo. Dos pilotos brasileiros, era o que mais ameaçava a vitória de Emerson Fittipaldi. Nos 500 Quilômetros de Belo Horizonte (Prova Marcelo Campos), conseguiu levar seu Bino-Mark II quando funcionavam apenas duas marchas; mesmo depois de furar um pneu, chegou em honroso terceiro.

O Merlyn Ford é um velho conhecido de Luisinho, que o pilotou na Inglaterra. E o Bino-Mark II, com que venceu a prova de turismo e monopostos de domingo, êle viu nascer.

Na primeira bateria da categoria de monopostos, Luisinho largou na frente, com Sérgio Matos a persegui-lo num Fórmula Brasil (motor VW 1600). Mas Sérgio não agüentou o ritmo: na segunda volta, o motor pifou. A atenção do público voltou-se para o segundo lugar, disputado por Sérgio Magalhães e Salvatore Amato, ambos com carros de Fórmula Ford: Merlyn (Sérgio) e Macon (Amato). Na segunda bateria, a história se repetiu: Luisinho livrou enorme vantagem sôbre o segundo colocado (quase uma volta), que era Salvatore Amato. E Sérgio não conseguiu desforrar-se de Salvatore Amato, que o superara na primeira bateria: depois de correr algumas voltas na frente, entrou nos boxes com o motor falhando.

Na categoria de turismo e protótipos, a vitória de Luisinho chegou a ser monótona: pilôto e carro eram superiores aos adversários. Luisinho venceu as duas baterias. Na segunda, não se intimidou com a potência da carreteira de Camilo Cristófaro. Assumiu a liderança na terceira volta, depois de aproveitar as curvas para diminuir a diferença de Camilo.

Outros Luisinhos do futuro entraram na pista no festival de velocidade: a prova de estreantes reuniu 44 pilotos, entre êles uma bela môça, Cleide Vieira, que nem terminou a prova. A vitória coube a Nílson Clemente, que se valeu não só de sua segurança, mas principalmente da superioridade de seu carro, que era o mais potente: um Opala.

Luisinho — vencer é um velho hábito: na frente de Camilo, na categoria de turismo e protótipos; ou só, em primeiro lugar, na categoria de monopostos, com o Merlyn 47 (Fórmula Ford).

PELÉ SABE COMO NÓS PODEMOS VENCER A COPA, POR QUE PERDEMOS DA ARGENTINA E ATÉ QUEM DEVERÁ SUBSTITUIR TOSTÃO

VAMOS GANHAR SÓ NOS FALTA HUMILDADE

Reportagem de Michel Laurence — Fotos de Lemyr Martins e Agência JB

Dentro de dois meses êle estará no centro do campo do Estádio Jalisco, em Guadalajara, esperando o toque na bola do centroavante da Seleção (tomara que seja Tostão), para começar sua quarta Copa do Mundo e tentar ser o único jogador da história a ganhar a Taça Jules Rimet pela terceira vez.

— Como é o negócio? A Copa fica definitivamente com a gente ou seria preciso ganhar três vêzes seguidas?

O adversário do primeiro jôgo (3 de junho) será a Tchecoslováquia um time de uniforme branco como o primeiro adversário do Brasil na Copa de 66, a Bulgária (o Brasil ganhou de 2 a 0).

— Provàvelmente, como em tôdas as Copas, não me darão tempo sequer para dominar a bola. Vou ter que fazer as jogadas, pelo menos nos 30 minutos iniciais, sempre de primeira.

No segundo jôgo da Copa de 66, o Brasil perdeu de 3 a 1 para a Hungria.

— O Brasil melhorou muito, mas ainda precisa melhorar mais, muito mais. Ainda existem falhas (eu deixo para Saldanha comentá-las). Sabe, no Brasil futebol é coisa muito difícil. Todos entendem um pouco ou muito.

No terceiro jôgo da Copa de 66, o Brasil perdeu de 3 a 1 para Portugal e foi desclassificado nas oitavas de final.

A GRANDE DERROTA

— O Brasil se preparou muito bem para as eliminatórias dêste ano. Fêz um trabalho sério e o resultado foi que ganhamos quase com facilidade. Para a Copa do Mundo precisamos fazer a mesma coisa. Mas para isso precisamos da colaboração de todo mundo. A imprensa precisa apoiar o nosso trabalho e evitar que simples mal-entendidos se transformem em grandes crises.

Em 66, o Brasil era considerado o favorito, como hoje. Dizem que perdemos a Copa por causa de um exagerado e prejudicial otimismo.

— Olha, gente, a nossa grande arma desta Copa tem que ser a humildade. Sem humildade não adianta nada. Sabe por quê? Um time humilde não treme diante da responsabilidade. Êsse time sabe que vai ter de lutar muito para ganhar o jôgo. E lutará. Todos unidos pela humildade. E time unido e humilde ganha algo que não sei definir muito bem. Mas sei de uma coisa: era o que o Brasil tinha em 58 e 62. Quando a gente não acredita muito, sempre procura fazer mais fôrça, talvez até mais do que o necessário. Quando a gente pensa que já ganhou, o corpo parece ficar mole. Acho que um time que tenha humildade e seja organizado pode nos dar a Copa pela terceira vez.

Pelé quer repetir êste gesto. Na Seleção de hoje é o único que viveu as glórias de 58 e 62. Mas é também uma das vítimas da derrota de 66.

O Brasil não precisou disputar as eliminatórias de 66. Era o bicampeão do mundo, time respeitado e famoso, talvez o tri naquele ano.

— Durante as eliminatórias dêste ano duvidavam um pouco do nosso time e isso foi parecido com 58. Naquela Copa também saímos do Brasil bastante desacreditados. Por isso gostaria que agora o otimismo se transformasse em respeito ao adversário. Repito à Seleção só precisa disso: humildade e organização. Na Copa vamos precisar estar melhor ainda, os adversários são mais duros. E num mundial os times jogam com muito mais raça do que em uma partida eliminatória.

Quando o Brasil chegou à Inglaterra, o número 9 da Seleção, o companheiro de Pelé no ataque, era apenas uma esperança. Poderia ser Silva, como Alcindo, talvez até Tostão. Mas Tostão naquele ano era um garôto mineiro, desconhecido, que tinha chegado à Seleção mas as razões eram pouco conhecidas. Naquele ano não houve tempo para ninguém provar que poderia ser o companheiro ideal do rei.

DIRCEU É TOSTÃO?

— Não há mais dúvida: Tostão está bom e vai voltar a jogar como antes. Há um único problema: êle conseguirá ter condições físicas até a Copa? Se conseguir, tudo ficará melhor, porque com êle o time já está treinado. Mas se Tostão não jogar, o Dirceu vai resolver o problema. Vocês precisam saber de uma coisa: Dirceu Lopes é craque. Ainda não acertou porque nós precisamos treinar, precisamos jogar juntos. Vocês precisam entender também que com o Dirceu no time as coisas mudam um pouco: eu tenho que ocupar a posição de Tostão e o Dirceu tem de ocupar a posição que era minha. E eu não estou acostumado, como êle também não. Mas tudo é uma questão de treino. Já disse que Dirceu é craque, e craque joga em qualquer posição, em qualquer lugar.

A derrota de 66 foi considerada sob vários ângulos: falta de organização, falta de defesa, falta de centroavante, falta de treino. Foram convocados 44 jogadores, em cada treino entrava em campo um time titular diferente.

A PRIMEIRA DERROTA

— Quando falo que é preciso treinar, quero mostrar a diferença que existe entre a Seleção Brasileira e as européias. Elas não jogam quando não estão preparadas. E nós jogamos. Jogamos com a Argentina e iríamos jogar com a Itália, União Soviética e Bulgária, se aceitassem o nosso convite. Êles responderam que não tinham datas. Talvez isso não seja verdade, talves êles achassem que não estavam preparados para jogar com a gente. Nós somos diferentes: pegamos onze jogadores, treinamos três dias e entramos em campo. Foi por isso que perdemos o primeiro jôgo para a Argentina.

Tudo que aconteceu em 66 não vai se repetir êste ano, não é, Pelé?

— É. Êste ano nós vamos ganhar, com humildade.

AS TRÊS COPAS DO REI

1958

ERA UMA VEZ UM MENINO QUE VIVEU UM CONTO DE FADAS

"Olha, para outro garôto de minha idade, dezessete anos, acho que sòmente estar lá com a Seleção Brasileira já era o bastante. Mas para mim, não. Eu queria jogar, acho que era um pouco atrevido, mas queria disputar a bola, tentar ganhar o jôgo. Hoje, pensando bem, vejo que eu era realmente bastante criança. Até hoje não consigo dizer o que eu sentia ao jogar naquela Seleção (Gilmar; De Sordi (Djalma Santos), Belini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá e Zagalo).

"Sei que aquela, sim, foi uma grande Seleção. E eu só pensava em jogar. Mas não pude começar jogando, estava machucado, só entrei contra os russos, no terceiro jôgo. O Brasil já tinha ganho da Áustria (3 a 0), na estréia, e empatado com a Inglaterra (0 a 0).

"Quando Vavá me rolou a bola, naquela tarde, em Uddevalla, na Suécia, eu estava tremendo, confesso. Mas depois tôda a emoção foi passando. O Mané logo chutou uma bola na trave de Iashin. Pouco depois, Vavá marcou o primeiro gol. Não demorou muito e dei um passe para Vavá marcar o segundo: estávamos classificados, nossa fama crescia, já se falava que seríamos campeões.

"Embora ficasse apreensivo nos primeiros minutos do jôgo contra os russos, acho que fiquei nervoso mesmo foi contra os suecos, no jôgo decisivo. Mas depois que o jôgo começou, também esqueci tudo, até que estávamos disputando o título.

"Engraçado, agora começo a recordar tudo: nervoso mesmo, preocupado, fiquei quando se começou a falar nos cortes. Estava machucado, fiquei com mêdo mesmo.

"Entretanto, o jôgo mais difícil dessa Copa foi contra o País de Gales. E eu me lembro bem de que todos nós achávamos que êsse seria o adversário mais fraco, que não iria engrossar. No fim, ganhamos apertado, eu fiz aquêle gol nem sei como, pois a defesa dêles não se descuidava. Foi uma retranca dura, que jamais esquecerei.

"O outro jôgo era contra a França. O time dêles tinha Kopa, um artilheiro, mas nós tínhamos já a confiança necessária para enfrentá-los. A França marcou primeiro, chegou a fazer outro, mas nós fizemos cinco. Só faltava a Suécia, que também entrou marcando um gol em Gilmar, mas nós reagimos: 5 a 2. E a Taça Jules Rimet, a Copa do Mundo, o cumprimento do Rei Gustavo, a grande alegria e a grande festa da volta.

"Muita coisa influiu naquelas nossas vitórias: a falta de confiança do povo, dos adversários, nossa saída desacreditada do Brasil. E, principalmente, aquêle era um time humilde, que respeitava todos os adversários, que não entrava em campo pensando que já era campeão, mas sabendo que seria preciso lutar muito para vencer. Foi êsse espírito que ganhou aquela Copa na Suécia.

"Saímos do Brasil quase sem apoio nenhum, sem muita festa, sem prometer nada. Aos poucos a Seleção foi-se entrosando, começou a ganhar, adquiriu confiança, tudo dava certo, não era preciso forçar nada.

"E querem saber de uma coisa: a Seleção de 58 era tão boa, tinha tanta união, era tão bem organizada, que ganhou novamente em 62. Com humildade."

ERA UMA VEZ UM HOMEM QUE ACREDITOU EM SEU AZAR

"A bola está parada aos pés de Vavá e mais uma vez eu espero o apito do juiz. Era em Viña del Mar, lá no Chile. Vavá toca a bola, o jôgo começa. Como sempre, meus nervos estão tensos, apesar de o adversário ser o México.

"Naquela Copa eu fiquei com a impressão de que tinha azar em Campeonato do Mundo.

"Eu conduzia a bola pelo campo da Tchecoslováquia. Todos esperavam o que eu ia fazer. O futebol europeu ainda não tinha adquirido um estilo de tanta violência, com a intenção de destruir a jogada antes mesmo de ser começada. Procurei alguém para passar a bola. Não encontrei. Parti para o gol. Tomei velocidade e tentei um chute: peguei mal na bola. Minha perna esticou demais e uma dor aguda subiu pelo meu corpo. Estava tudo acabado para mim.

"Sabe lá o que é se preparar durante quatro meses para seis jogos e só jogar uma partida e meia? Era muito azar. Num Campeonato Paulista eu jogo quarenta vêzes e não acontece nada. Na Copa eu me machuquei logo no segundo jôgo. Sofri que não queiram saber quanto.

"Fui fazer número na ponta esquerda. Sabia que não podia continuar, mas não quis sair. Então, a bola veio para mim. Eu a dominei e fiquei esperando um companheiro. Foi quando o Masopust, o maior cara do time da Tchecoslováquia, se aproximou de mim. Eu pensei: e agora?

"Então aconteceu um negócio que eu nunca mais esqueço. Masopust saiu da minha frente e eu acho que passei a bola para um companheiro.

"No Chile, nosso time era quase o mesmo de 58. Só que mais crescido, com mais experiência e confiança. A delegação era muito organizada. O nosso maior problema sempre foi organização e isso sobrava em 62. Didi, Nílton Santos, Zito e Gilmar organizavam o time dentro de campo. Os dirigentes procuravam ajudar fora dêle.

"Eu estava tão desesperado para jogar que até pedi ao Dr. Hilton Gosling que desse uma injeção na minha virilha. Ainda bem que êle negou. Êsse favor eu devo a êle.

"Sentado na arquibancada, entre torcedores brasileiros, eu vi o Brasil ser campeão. Vi Garrincha e Amarildo fazerem tudo aquilo que eu gostaria de ter feito: correr atrás da bola, lutar pela vitória.

"Mas sofrer, sofrer mesmo foi no jôgo com a Espanha. Foi uma parada muito dura e eu acho que só ganhamos por sorte. Mas nós merecíamos.

"O time estava muito bem armado, amadurecido, e os europeus ainda não haviam descoberto a maneira de parar o nosso jôgo clássico. Até Amarildo fazer o segundo gol, nunca sofri tanto dentro de um campo de futebol. Foi duro mesmo.

"É como se estivesse agora num cinema: eu me vejo correr capengando para abraçar meus companheiros. Lembro que tinha de andar com a perna sempre dura para proteger o músculo da virilha.

"Lembro a vontade de jogar, de entrar com bola e tudo no gol dos gringos mas só poder ficar olhando. Eu tive muitas alegrias no Chile, mas estas lembranças estão misturadas com algumas mágoas. No Chile, eu me convenci de que dava azar."

1966

ERA UMA VEZ UM JOGADOR QUE VIU SEU SONHO MORRER

"Em Liverpool, Inglaterra, Alcindo era o centroavante, estava a meu lado, à espera do apito do juiz. Eu não sabia que a Inglaterra me reservava uma sorte muito pior do que a do Chile.

"Na Inglaterra foi tudo ao contrário de 58, na Suécia. Já saímos campeões do Brasil. Por todo lado havia excesso de otimismo, êsse inimigo que me mete tanto mêdo.

"Pela segunda vez numa Copa do Mundo, eu marquei apenas um gol, assim mesmo de bola parada, numa falta contra a Bulgária. Eu não joguei contra a Hungria, pois todos esperavam que eu decidisse o jôgo com os portuguêses.

"Mas tudo foi errado. Todos queriam mandar. Quem não queria estar na delegação que iria ser campeã do mundo?

"O Brasil não estava preparado para a Copa. Vi tanta coisa errada durante os treinos que nem gosto de recordar.

"O jôgo com Portugal era decisivo para as esperanças do Brasil. Eu lutei como nunca, dei tudo de mim. Queria convencer-me de que não tinha azar na Copa. Mas não esperava o jôgo dos portuguêses. Fui caçado a pontapés, barrado de qualquer maneira.

"Primeiro, levei um esbarrão de Coluna; depois, na mesma jogada, foi a vez de Morais. Eu sentia dores por todo o corpo, já não podia continuar.

"Sinceramente, nunca acreditei que venceríamos Portugal. Em cada jôgo daquela Copa, o Brasil escalou um time diferente. Vi tudo calado, amargurado. Quando não agüentei mais, disse que não queria mais jogar na Copa.

"Enrolado num cobertor (fazia um frio de rachar) e ajudado por um guarda e pelo Dr. Hilton Gosling, caminhei para o banco dos reservas. Bandeiras brasileiras eram enroladas nas arquibancadas. Aquilo doía no meu coração.

"Amargurado, vi o Brasil se despedir do sonho do tricampeonato.

"Muita gente pensa que eu não queria mais jogar na Copa por causa dos pontapés que levei. Mas não foi nada disso. Afinal, também apanhei muito contra a Bulgária.

"Eu não sou supersticioso, mas sempre que me lembro destas coisas tôdas costumo cruzar os dedos em figa, como para afastar de mim o azar, o azar que pretendo evitar no México.

"Eu me lembro muito bem de tudo o que aconteceu em 66. Justamente por isso, não gosto quando ouço alguém dizendo que o Brasil vai ganhar na certa, que a Copa já é definitivamente nossa. É necessário que se treine bastante, que se tenha humildade.

"Não foram os pontapés ou o jôgo duro dos europeus que nos venceram em 1966. Foi o otimismo de todos, a vaidade de alguns e a insegurança que tomou conta dos dirigentes quando a realidade nos castigou. Simplesmente isso."

Pelé conheceu a alegria de um campeão mundial quando tinha dezessete anos e assim que terminou o jôgo Brasil 5, Suécia 2, em 58. Foi um sucesso tão rápido como o chôro que molhou os ombros de Gilmar (foto ao lado). Quatro anos depois, o talento do nosso rei era destruído nos campos do Chile, no meio do jôgo com a Tchecoslováquia, segundo da Copa. Uma distensão muscular transformou-o no jogador mais calado e triste da concentração do Brasil. A tristeza continuou em 66 (foto ao alto): Pelé não passou de simples caça, vítima da violência. O Brasil caiu com êle.

CARTA DO EDITOR

Estamos entrando em campo para jogar ao lado do Brasil. No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui está o nosso PLACAR: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos.

Há vinte anos, quando era fundada a Editôra Abril, nascia também a idéia de PLACAR. Era 16 de julho de 1950, uma data que o futebol brasileiro jamais esquecerá. As lições das duas primeiras Copas, 1930 e 1934, e as lembranças da jornada quase vencedora de 38 desapareceram no Maracanã na monumental Copa de 50, para formar a torrente de um time quase invencível. Mesmo preocupados em consolidar as bases de nossa editôra, fomos contagiados pela "febre da Copa", passando a viver aquêles dias de julho sob a temperatura altíssima de incontidas emoções. E, como todos, também sofremos o grande impacto da conquista uruguaia, saudada no próprio estádio — fato maravilhoso! — por uma salva de palmas de 200 mil pessoas em pranto.

Naquele instante, ficou confirmado o que todos já sabíamos: para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra — um meio-têrmo explosivo, colorido, sensacional. Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser, mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva — tão explosiva e tão sensacional como êste nosso povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo.

De lá para cá, muitas coisas aconteceram. E, aqui dentro da Editôra Abril, a idéia de PLACAR continuava fermentando. Muitos projetos desta revista foram produzidos, lidos, revistos, analisados e guardados em todos êstes anos. Seria impossível lembrar, nos 7 300 dias de vida da Abril, quantas vêzes foi feita esta pergunta desde o mais vivo office boy ao mais afilado dos nossos repórteres: "Pra quando é PLACAR?"

Pois é para agora. Finalmente, sentimos que estávamos prontos. Conseguimos reunir uma equipe jovem, talentosa, altamente profissional. Por outro lado, temos hoje no País uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interêsses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de PLACAR.

Há dois meses começamos o trabalho: dois meses de intensa e entusiástica movimentação, durante os quais a revista nasceu, transformou-se e chegou à sua forma final.

Esperamos que você goste de PLACAR. E que passe a torcer conosco tôdas as semanas.

Antes de PLACAR nascer, sua equipe fêz quatro números experimentais (capas acima). Durante dois meses, repórteres e fotógrafos viajaram pelo Brasil, México, El Salvador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. A fotografia da capa dêste número é de Lemyr Martins.

HOMENAGEM A PELÉ

Victor Civita, Editor e Diretor de PLACAR, entrega a Pelé, no Floresta Country Club, o modêlo em gêsso da matriz usada na feitura da moeda com a efígie do Rei, presente de PLACAR para os seus leitores.

GILBERT, O ESCULTOR

Natural da Romênia e formado na École du Louvre, Ilie Gilbert é o autor da efígie de Pelé. Expressionista que se dedica à figura humana, êle define seu trabalho como a participação conjunta do artista e do modêlo. Com 49 anos, Ilie está no Brasil desde 1955. Faz seus trabalhos em epóxi, material usado na Apolo 12.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretor de Publicações: Roberto Civita
Diretor Editorial: Luis Carta
Diretor Comercial: Haroldo Bariani

PLACAR

Diretor: Cláudio de Souza
Editôres: Hamilton Almeida, Maurício Azêdo e Wolfe Guimarães
Redatores e repórteres: Dante Matiussi, Hedyl Valle Júnior, José Maria de Aquino, Marco Aurélio Guimarães, Michel Laurence
Arte: Rudy Pythagoras Alves, Haroldo Jerissati
Fotógrafos: Lemyr Martins, Sebastião Marinho
Colaboradores: Aymoré Moreira (consultor técnico), Henfil, Otávio, Eduardo Barreto Filho, Elifas Andreato, Djalma Nery Ferreira Filho, Ademir Ferreira, Manoel Motta, Chico Nelson, Paulo Matiussi, Georges Bourdoukan, José Roberto M. de Aquino, Jean-Michel Gauen, José P. Godoy

Escritórios Regionais

Rio: Odylo Costa, filho (diretor), Milton Temer (chefe de redação), Aristélio Andrade, José Fausto Neto, Teixeira Heizer (repórteres), Yllen Kerr (chefe de fotografia), Adhemar Veneziano, Andrade, Fernando Pimentel, Pedro Henrique, Sandra Fanzeres (fotógrafos)
Brasília: Pompeu de Souza (diretor), Luis Gutemberg (chefe de redação), Evandro Paranaguá, J. Carlos Bardawil (repórteres)
Recife: Renan S. Miranda (chefe de redação), Franklin Campos, José Saffioti Filho, Paulo Sotero (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Belo Horizonte: Alberico Souza Cruz (chefe), Geraldo Augusto dos Reis (repórter)
Curitiba: Elmar Bones da Costa
Pôrto Alegre: Paulo Totti (chefe), Assis Hoffmann (fotógrafo)
Salvador: Edgar Catoira
Nova York: Luis Garcia
Correspondentes: Alessandro Porro (Paris), Oriel Pereira do Vale (Londres), Ezio Vitale (Roma), Hiroto Yoshioka (Tóquio)

Serviços Editoriais

Diretor: Roger Karman
Documentação: Antônio Zago, Carmen Chady, Celso Ming, Dilico Covizzi, Fernando Rios, Irede A. Cardoso, José Carlos Khouri, João Guizzo, Maria Regina Viana, Rivka T. Schwarc, Sérgio Capozzi, Ubirajara Forte

Serviços Fotográficos

Francisco Albuquerque (gerente)
Jussi Lehto (supervisor), Olga Krell (produção), Jorge Butsuem, Carlos Motta, Miguel Vigliogla, Regnier de Oliveira, João Batista Perllo (fotógrafos)
Cartografia: Francisco Beltran (supervisor)
Abril Press: Samuel Dirceu (gerente)

Departamento Comercial

Diretor: Cláudio de Souza
Representante, São Paulo: Cleuri de Freitas
Representante, Rio: Francisco Paula Freitas
Gerente de Publicidade, Pôrto Alegre: Roberto Molino, Elcenho Engel (representante)
Representante, Belo Horizonte: Sérgio D. Pinto
Representante, Curitiba: Edison Helm
Representante, Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor de Operações: Richard Civita
Diretor de Relações Públicas: Hernani Donato
Diretor do Escritório, Rio: André Raccah
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Diretor de Publicidade Internacional: L. Silva
Gerente de Produção: Arno Langer
Diretor de Projetos Editoriais: Paulo Patarra

Diretor Responsável: Cláudio de Souza